



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**

Thayná Rodrigues Portela

**A INTERDIÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO: SIGNIFICAÇÕES DO
FECHAMENTO DE ESCOLAS PARA EDUCANDOS DA EJA**

Brasília/DF

2019

THAYNÁ RODRIGUES PORTELA

**A INTERDIÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO: SIGNIFICAÇÕES DO
FECHAMENTO DE ESCOLAS PARA EDUCANDOS DA EJA**

Trabalho Final de Curso (TFC) apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Maria Clarisse Vieira.

Brasília/DF

2019

PORTELA, Thayná Rodrigues.

A INTERDIÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO: SIGNIFICAÇÕES DO FECHAMENTO DE ESCOLAS PARA EDUCANDOS DA EJA.
Brasília, 2019. 75 páginas

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília,
Faculdade de Educação, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Clarisse Vieira

Palavras Chaves: 1. Direito à educação na EJA; 2. Fechamento de escolas na EJA; 3. Políticas públicas na EJA.

THAYNÁ RODRIGUES PORTELA

**A INTERDIÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO: SIGNIFICAÇÕES DO
FECHAMENTO DE ESCOLAS PARA EDUCANDOS DA EJA**

Comissão Examinadora:

Professora Dra. Maria Clarisse Vieira
Orientadora - MTC/FE – UnB

Dra. Julieta Borges Lemes Sobral
Examinadora – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Msc. Luciana de Oliveira Pinto
Examinadora – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Desistir... eu já pensei seriamente nisso, mas nunca levei realmente a sério; é que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

A minha família, em especial aos meus pais, Aline e José, por sempre me incentivarem e acreditarem no meu potencial.

Ao meu companheiro de vida Igor Kelvin pela paciência, pelo cuidado e pelo apoio em todos os momentos que pensei em desistir.

Aos professores da Faculdade de Educação pelo compromisso e dedicação na minha caminhada acadêmica, em especial a minha orientadora Maria Clarisse Vieira pelos ensinamentos, conselhos, paciência e pelo amor a Educação de Jovens e Adultos.

Aos amigos e companheiros do GENPEX pelas trocas de vivência e companheirismo que rege esse grupo até os dias de hoje.

Ao povo brasileiro que custeou a minha formação e a todos que de algum modo contribuíram para a realização deste sonho.

Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito analisar os significados da interdição do direito à educação por meio do fechamento de escolas na educação de jovens e adultos, tendo como unidade de análise o fechamento da Escola Classe 03 do Paranoá, situada em uma região administrativa do Distrito Federal. O trabalho adota uma abordagem qualitativa de educação usando entrevistas semi-estruturadas com estudantes da educação de jovens e adultos que estudaram na escola no período de 2015 a 2018. Com base no direito à educação, é situada a história de luta da cidade do Paranoá por uma educação de qualidade, como também a sua história de parceria com o GENPEX/UnB (Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais). As entrevistas indicam que os educandos da EJA nunca tiveram a pretensão de abandonar a escola, e que a falta da mesma os está prejudicando, fazendo com que o seu processo educacional seja interrompido, já que a localização e a questão do pertencimento para com a escola são a chave para que esses educandos possam concluir o 1º segmento da educação de jovens e adultos.

Palavras Chaves: 1. Direito à educação na EJA; 2. Fechamento de escolas na EJA; 3. Políticas públicas na EJA.

ABSTRACT

The purpose of the present work is to analyze the meanings of the interdiction of the right to education through the closing of schools in the education of young people and adults, having as unit of analysis the closing of the School Class 03 of Paranoá, situated in an administrative region of the Federal District. The work adopts a qualitative approach to education using semi-structured interviews with education students of young people and adults who studied in school from 2015 to 2018. Based on the right to education, the history of the city of Paranoá's struggle for a quality education is situated, as well as its history of partnership with GENPEX/UnB (Group of Teaching-Research-Extension in Popular Education and Philosophical and Historical-Cultural Studies). Interviews indicate that EJA students never intended to leave school, and that the lack of school is harming them, causing their educational process to be interrupted, since the location and issue of belonging to the school are the key so that these students can complete the 1st segment of youth and adult education.

Keywords: 1. Right to education in EJA; 2. Closure of schools in EJA; 3. Public policies in EJA.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. REGIÕES ADMINISTRATIVAS COM ESCOLAS QUE OFERTAM A MODALIDADE EJA NO DF	31
Quadro 2. UNIDADES ESCOLARES QUE OFERTAM A EJA NO DF – SEGUNDO SEMESTRE DE 2018.....	33
Quadro 3. NÚMERO DE MATRÍCULA E EVASÃO NA E.C. 03 DO PARANOÁ.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDEP - Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá e Itapoã

CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal

DF - Distrito Federal

E.C. 03 do Paranoá – Escola Classe 03 do Paranoá

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

GENPEX - Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Históricos-Culturais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEB - Movimento de Educação de Base

MEC - Ministério da Educação

ONU - Organização das Nações Unidas

PAS - Programa de Avaliação Seriada

PBA - Programa Brasil Alfabetizado

PDAD - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios

PIBIC - Programa de Iniciação Científica

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

PNE - Plano Nacional de Ensino

PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

UNB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PARTE 1	12
MEMORIAL	12
PARTE II	17
MONOGRAFIA.....	17
CAPÍTULO 1	17
1. INTRODUÇÃO	17
1.1. JUSTIFICATIVA	18
1.2. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	19
1.3. OBJETIVOS	20
1.3.1. OBJETIVO GERAL	20
1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	20
CAPÍTULO 2	22
O DIREITO À EDUCAÇÃO NA EJA.....	22
2.1. As principais políticas públicas da EJA no Brasil	26
CAPÍTULO 3	30
AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO DF	30
3.1. PARANOÁ, UM LUGAR DE LUTA.....	33
CAPÍTULO 4	38
AS SIGNIFICAÇÕES DO FECHAMENTO DE ESCOLAS E SEUS DESDOBRAMENTOS	38
4.1. Os motivos de estudar na E.C. 03 do Paranoá	38
4.2. As experiências dos educandos com a E.C. 03 do Paranoá e com o projeto GENPEX	39
4.3. O fechamento da escola e as dificuldades enfrentadas	41
4.4. A continuidade nos estudos e a possível abertura da E.C. 03 do Paranoá..	43
4.5. Considerações Finais.....	46
PARTE III	48
PROJETOS PARA O FUTURO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	53
APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	54
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	56

APRESENTAÇÃO

O presente estudo corresponde ao Trabalho Final do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB, sendo ele requisito obrigatório para a obtenção do título de graduação no curso.

O trabalho desenvolvido está dividido em três partes: Memorial, Monografia e Projetos para o Futuro.

A primeira parte é o Memorial, onde eu me apresento e conto a minha trajetória escolar até os dias atuais. Nessa parte eu relato sobre a minha vivência na graduação e no GENPEX (Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Históricos-Culturais) e de como foi a escolha do tema para o trabalho final de curso.

NA segunda parte está a Monografia, que tem como título “A interdição do direito à educação: significações do fechamento de escolas para educandos da EJA”. Nessa parte, analiso quais os significados que os educandos possuem em relação ao fechamento da Escola Classe 03 do Paranoá e de como foi o processo de ruptura da sua trajetória escolar.

A monografia está dividida em quatro capítulos, sendo eles: Capítulo 1: Introdução; Capítulo 2: O direito à educação na EJA; Capítulo 3: As políticas públicas no DF; Capítulo 4: As significações do fechamento de escolas e seus desdobramentos.

Ao final está a terceira e última parte que apresenta os meus “Projetos para o Futuro”, onde eu relato as minhas aspirações após a conclusão do curso de Pedagogia, em uma perspectiva de continuar a estudar, trabalhar e contribuir para a educação de jovens e adultos.

PARTE 1

MEMORIAL

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

PAULO FREIRE

Sou natural de Guarapari, cidade litorânea do Espírito Santo, onde eu vivi por somente 1 ano. Em 1997, minha família resolveu retornar para Brasília, onde moravam antes de eu nascer, pois a oportunidade de emprego era escassa na minha cidade natal. Retornamos para o Paranoá, Região Administrativa VII do DF.

Desde então moro em Brasília – DF e fiz daqui a minha morada. Estudei em escola pública durante toda a minha vida, porém no ensino médio precisei concluir essa etapa em um supletivo particular para poder ingressar na Universidade de Brasília.

Minha vida escolar teve início através do Jardim de Infância, onde estudei no CAIC – Santa Paulina e no Centro Social João Paulo II. Não me lembro muito dessa época, mas nas vagas lembranças que tenho percebo que fui muito feliz. Levo comigo amizades feitas naquela época.

No ano de 2003 nos mudamos para São Sebastião e eu entrei no Ensino Fundamental – Anos iniciais, onde fui matriculada pelos meus pais na Escola Classe Jardim Botânico, que fica situada na reserva ecológica que leva o mesmo nome da escola. Esse, sem dúvida, foi o período mais feliz da minha infância, onde fiz muitos amigos e pude vivenciar situações que não ocorrem em toda escola. Por estudar dentro de uma reserva ecológica eu tive uma aprendizagem muito próxima a natureza, onde fazíamos excursões de trenzinho a cada 15 dias e conhecíamos tudo que podíamos sobre o bioma cerrado e os animais que habitam nele.

No ano de 2006 estudei na Escola Classe Jardim Botânico até o primeiro bimestre, migrando para o Centro Social João Paulo II para concluir a 4ª série do Ensino Fundamental. Lá reencontrei colegas feitos no Jardim de Infância e foi um período bem divertido.

De 2007 a 2010 concluí a segunda etapa do ensino fundamental. Geralmente esse é um período conturbado na vida de uma pré-adolescente, porém graças ao apoio da minha família, dos amigos e do corpo docente, esse período foi tranquilo e geralmente sempre já estava apta para a próxima turma após o fim do 3ª bimestre.

Se até o momento as situações eram tranquilas, tudo mudou após o ingresso no ensino médio. Sempre tive dificuldade nas disciplinas da área de exatas, principalmente em física e matemática, onde o ensino era engessado e os professores não se interessavam de que forma o conteúdo era passado para os estudantes.

No final do primeiro ano participei do Programa de Avaliação Seriada (PAS), onde tive a oportunidade de vivenciar um pouco do processo de inserção na universidade pública. Não me recordo de quanto tirei na prova, mas lembro que foi uma nota considerada boa.

Aos trancos e barrancos consegui chegar ao segundo ano, onde acabei reprovando. Foi uma situação muito ruim, pois meus amigos estavam um ano na minha frente e eu tive que passar por todo o conteúdo novamente, porém recebi bastante apoio, principalmente do meu namorado, que atualmente é meu marido.

Na minha segunda vez no segundo ano conheci colegas maravilhosos que me ajudaram a estudar os conteúdos em que eu tinha dificuldade. Também comecei um estágio na Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), onde aprendi a ter responsabilidade e a pensar no futuro, pois lá sempre me incentivavam a cursar uma faculdade.

A partir daí foi crescendo a vontade de ingressar na Universidade de Brasília. Mesmo não tendo feito as três etapas do PAS, ainda restava o vestibular tradicional e foi a partir da minha segunda vez no segundo ano que eu comecei a estudar para poder realizar esse sonho. Porém, nem tudo eram flores, pois com a vontade de ingressar na universidade veio a dúvida que assusta muitos estudantes do ensino médio: “qual curso combina comigo?”, “o que eu quero ser daqui pra frente?”. E comigo não foi diferente.

Ao longo da minha vida escolar eu já tinha pensado em várias profissões que gostaria de exercer. Dos 5 anos até os 10 eu pensava em ser médica veterinária.

Aos 11 até uns 14 anos eu já tinha excluído a alternativa anterior e pensava em cursar psicologia. Após os 14 eu simplesmente não pensava mais o que queria ser no futuro, pois sempre que esse pensamento rondava eu ficava triste e ansiosa, pois tinha medo do que o futuro poderia trazer.

Porém, cheguei ao terceiro ano do ensino médio e com ele eu precisava decidir o que queria fazer depois ao concluir essa etapa. Continuei a estudar através de simulados disponibilizados online, juntamente com o conteúdo ministrado pelos professores da minha escola. Muitos professores incentivavam o ingresso dos seus alunos na universidade e, com isso, focavam no conteúdo que sempre caía no vestibular, ajudando não só a mim, mas a vários colegas de turma.

Nesse período de estudo acabei fazendo um teste vocacional através do site Guia do Estudante, que era por onde eu estudava. O resultado foi licenciatura em biologia, psicologia ou pedagogia. No momento descartei psicologia e pensei que realmente as outras duas opções de curso combinavam comigo, já que nós anos de 2013 e 2014 me apaixonei pela disciplina de biologia.

Em meados de abril houve então a abertura do edital para o vestibular da Universidade de Brasília e motivada pelos meus colegas que também tinham vontade de passar no vestibular, acabei me inscrevendo e continuei o meu cronograma de estudos, juntamente com as matérias do 3º ano. Após muito deliberar sobre qual curso seguir, percebi que os dois realmente foram feitos para mim, mas o coração falou mais alto e me candidatei a vaga em pedagogia na Universidade de Brasília.

Quando o resultado do vestibular finalmente saiu foi uma alegria sem fim. Minha mãe chorou muito e disse que faria o possível para me colocar na universidade, pois como eu ainda estava no meio do 3º ano, eu teria que terminar o ensino médio o mais rápido possível para poder efetivar a matrícula no curso.

No período de 5 dias úteis eu fui atrás do meu histórico escolar na instituição onde eu estudava, me matriculei no supletivo para concluir o 3º ano e entrei com um mandado de segurança para efetivar minha matrícula. Foram dias corridos, saindo de manhã e voltando tarde da noite, mas deu tudo certo e no final daquela semana eu tinha conseguido me matricular no curso que eu tanto queria cursar.

Ao chegar na Universidade de Brasília fiquei maravilhada com tudo que estava vendo e estudando. A minha vontade era de trabalhar com a alfabetização de crianças, mas após fazer a disciplina de Projeto 2 com o professor Renato Hilário, o leque de oportunidade se abriu e pude conhecer várias áreas de atuação do pedagogo. Porém, após uma aula sobre a educação de jovens e adultos, eu me vi exercendo nessa área e foi uma descoberta realmente transformadora.

A minha vida acadêmica mudou a partir do momento que tive contato com o professor Renato Hilário e desde o ano de 2016 participo do Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Históricos-Culturais (GENPEX), hoje ministrado pela professora Maria Clárisse Vieira, onde fazemos um trabalho com os educandos da EJA, seja na escola pública ou oriundos da educação popular.

Em 2017 recebi o convite da professora Maria Clárisse de enviarmos um projeto de pesquisa ao Programa de Iniciação Científica – PIBIC. O projeto foi aceito e desenvolvemos um belo trabalho sobre a permanência dos educandos da EJA nas séries iniciais, o que me permitiu vivenciar as áreas temáticas da universidade (Ensino, Pesquisa e Extensão).

O artigo desenvolvido teve como propósito compreender quais fatores contribuem para a permanência dos educandos do 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos, tendo como eixo o trabalho desenvolvido no laboratório de informática pelo GENPEX na Escola Classe 03 do Paranoá. Ao longo desse trabalho percebe-se que a questão da amorosidade e do acolhimento estão muito presentes quando o assunto é a permanência dos educandos da EJA. Infere-se também por meio da fala dos educandos que aspectos ligados a aprendizagem são elementos que motivam o estudante a permanecer, pois quando se percebem aprendendo e avançando em conhecimentos, se sentem mais animados a persistir nos estudos, a despeito de dificuldades externas à escola. Neste sentido, o investimento na formação de professores, o reconhecimento das necessidades básicas de aprendizagem destes educandos e de suas especificidades são aspectos importantes a serem considerados na permanência e na garantia do direito à educação.

Com o fechamento das turmas de EJA na escola onde atuávamos, os sentimentos de desânimo e incertezas atingiram o grupo, afinal os educandos gostavam da nossa presença na instituição e sabíamos que eles poderiam não migrar para outra escola, pois a Escola Classe 03 do Paranoá fica em uma área privilegiada do Paranoá, bem no meio da cidade e os estudantes tinham mais facilidade no deslocamento até a instituição de ensino.

Nesse sentido, a partir da minha vivência durante a participação nos projetos de estágio na UnB, na área da EJA, compreendi que mesmo a educação sendo um direito subjetivo, muitos educandos não o usufruem, pelos mais diversos motivos, e aqueles que reivindicam esse direito acabam encontrando obstáculos para prosseguir com os seus estudos, interferindo na sua permanência escolar. A partir dessa constatação, viu-se a necessidade e o interesse que me motivaram a realizar esse trabalho.

PARTE II

MONOGRAFIA

CAPÍTULO 1

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica destinada a um público heterogêneo, composto de jovens, adultos e idosos. Esses sujeitos são pessoas com idades diversas e da classe trabalhadora que ao longo da sua trajetória de vida não iniciaram a formação escolar básica ou tiveram que interromper em diversos momentos da sua vida. Os educandos da EJA podem viver na cidade ou no campo e carregam consigo a marca da exclusão social e tentam a todo custo garantir a estabilidade financeira do seu lar.

Esse educando por muitas vezes sofre por viver a margem da sociedade, sendo excluído do seu direito à educação, lazer, acesso à cultura e de exercer a sua cidadania de forma plena. Quando esse educando procura voltar a estudar, ele almeja a possibilidade de trilhar novos caminhos e melhorar sua condição social, pois muitas vezes precisa aprender a ler ou melhorar a sua leitura, escrever e ser um indivíduo crítico para poder ascender profissionalmente. Dessa forma, a escola é a possibilidade de o sujeito ressignificar os seus saberes e trilhar novos caminhos.

De acordo com o Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos (SEEDF, 2013), a EJA é composta por sujeitos de saberes constituídos das mais diversas experiências de vida e que se encontram à margem de acesso aos seus direitos, bens culturais e sociais. O retorno a vida acadêmica constitui uma possibilidade de o sujeito adquirir conhecimentos formais, visando a elevação de escolaridade que possibilite a sua ascensão social e econômica, buscando melhores condições de vida.

Por muito tempo a educação de jovens adultos foi vista com caráter de suplência e assistencialista e hoje busca-se uma maior atenção do Estado para a melhoria desta modalidade de ensino por meio da criação de novas políticas

públicas e a legitimação do protagonismo destes educandos. Entretanto, o atual cenário da Educação de Jovens e Adultos não é promissor, onde muitos alunos interrompem a sua vida escolar por conta do fechamento de escolas, impedindo assim o seu direito à educação.

1.1.JUSTIFICATIVA

Os dados do censo escolar de 2016 mostram que havia cerca de 3,4 milhões de pessoas matriculadas em EJA no Brasil (INEP, 2016). Apesar de significativo, este dado é considerado ínfimo diante do desafio de atender um total de 12,9 milhões que não sabem ler e escrever (IBGE, 2016). Os dados do Censo Escolar 2016, mostram que as matrículas de EJA no Brasil relativas ao primeiro segmento (séries iniciais), diminuíram de 1.127.077 no ano de 2008 para 628.393 no ano de 2016. O decréscimo foi grande: 44,24 %. Os dados acima mostram a realidade recente na EJA: fechamento de escolas e turmas. A diminuição da oferta na modalidade EJA em todo o Brasil configura-se um retrocesso na expansão dos direitos educacionais, referenciados na Constituição de 1988.

Em primeiro momento pode-se pensar: isso é bom, pois elas estão conseguindo aprender no tempo “correto”, sem precisar procurar o período noturno. No entanto, não seria prudente pensar nessa perspectiva, pois metade desse número de analfabetos está acima dos 60 anos, também segundo o IBGE. Onde estão estas pessoas? Por que a procura está diminuindo? A EJA é um espaço que realmente afirma o sujeito e seu direito? (SILVA, 2017)

Esta realidade não parece ter sido diferente no Distrito Federal, como indica a reflexão realizada por Silva (2017). Os dados, portanto, indicam que em oito anos as pessoas procuraram menos a EJA? Quais as razões do fechamento de escola? Como os educandos reagiram a este fechamento?

De 2015 até 2018 o grupo GENPEX atuou na Escola Classe 03 do Paranoá oferecendo apoio aos educando e a instituição de ensino. Trabalhamos inicialmente na sala de informática e após ganharmos a confiança de todo o corpo docente as portas foram se abrindo e conseguimos o espaço da sala de aula, trabalhando então em dois espaços, sala de informática e sala de aula.

No ano de 2018 começamos a perceber que a escola estava querendo retirar a EJA da instituição e infelizmente isso se concretizou no final do mesmo ano, onde cerca de 184 alunos tiveram que se retirar e migrar para outro espaço institucional.

A instituição era composta por um grupo de educandos bem heterogêneos, como qualquer outra escola que oferte EJA. Porém esse grupo era majoritariamente composto por alunos idosos e questões como localização de fácil acesso e segurança são importantes para todos os educandos, mas em especial para os educandos que possuem certa idade.

Após o fechamento da escola, alguns alunos se matricularam em outras instituições e outros educandos acabaram migrando para a educação popular, que seria a alfabetização, onde alguns acabaram retrocedendo em relação ao conteúdo e continuidade nos estudos. Dessa forma, se vê a necessidade de: entender como o educando percebe como o seu direito à educação foi negado e de como ele entende esse processo; tentar que esse trabalho final de curso seja um meio de conscientização desse direito subjetivo de todo indivíduo; e contribuir para que a escola seja reaberta ao público da EJA visando não só que esses alunos voltem a estudar, como também que sejam acolhidos todos que sentirem vontade de retomar os estudos.

1.2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi realizada na Escola X do Paranoá¹, localizada no Distrito Federal – DF. A escola atende o Ensino Fundamental e a Educação Especial de crianças do 1º ao 5º ano. À noite, a escola cedeu o espaço para as turmas de alfabetização do movimento popular, firmado na parceria entre o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá e Itapoã (CEDEP) e o Movimento de Educação de Base (MEB).

A maior parte dos alunos, provavelmente interromperam seus estudos após o fechamento da E.C. 03 do Paranoá, considerando que somente alguns alunos retornaram para as classes de alfabetização da escola X. Vale ressaltar que esses educandos estavam matriculados e frequentavam o 1º segmento da EJA

¹ Nome fictício.

antes do fechamento da escola, em turmas diversas e possuem níveis de conhecimento diferentes.

A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, onde foram utilizadas a observação participativa nas aulas e entrevistas semiestruturadas com os educandos.

As entrevistas seguiram a técnica de coleta de dados da entrevista semiestruturada, onde há um roteiro de tópicos com perguntas abertas, possibilitando que os entrevistados se sintam livres na expressão de suas opiniões em um contexto mais descontraído, algo muito importante quando se trata da EJA. Dessa forma, se fez necessária a abordagem qualitativa.

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados. (GODOY, 1995, p. 62).

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. OBJETIVO GERAL

- Analisar os significados da interdição do direito à educação por meio do fechamento de escolas na EJA.

1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os mecanismos legais que asseguram o direito à educação;

- Avaliar a experiência da E.C. 03 no tocante a intervenção realizada pelo GENPEX nessa instituição desde 2015;
- Investigar como os educandos se sentem em relação ao fechamento da E.C. 03 do Paranoá.

CAPÍTULO 2

O DIREITO À EDUCAÇÃO NA EJA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é regulamentada pelo artigo 37 e 38 da LDB (Lei n. 9.394/96), que além de garantir o acesso a esta modalidade de educação, afirma a necessidade do Estado garantir a permanência de todos os alunos, como previsto no Art. 206, inc. I da Constituição Federal de 1988.

A educação de Jovens e Adultos é um direito garantido por lei, porém os sujeitos dessa modalidade de ensino enfrentam dificuldades para poder iniciar ou continuar a sua trajetória escolar, pois ainda hoje são excluídos não só social como também educacionalmente.

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU – 1948), o direito à educação é reconhecido como um dos direitos fundamentais do ser humano.

“Art. 26. Todos têm o direito à educação. A educação deve ser garantida, ao menos nos estágios elementar e fundamental. A educação elementar deve ser compulsória.”

E na Constituição Federal de 1988, em seu Art. 6º, caput, está estampado como um direito social, dentre outros, o direito à educação.

Devido ao fato de ser a Educação um direito relevante e fundamental para o indivíduo, a nossa Carta Magna elenca em seus artigos (205 ao 214) os Direitos, os Deveres, os Princípios, as Garantias e as Condições para assegurar esse direito conquistado ao longo do tempo.

“Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Este artigo coloca o Estado como sendo o principal devedor desse direito, e, na sequência, a família e a sociedade, onde o alvo de todos é a formação plena do

cidadão. Direito declarado na legislação. E para fazer valer esse direito, o art. 206 enumera alguns princípios a serem seguidos, são eles:

“**Art. 206.** O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;”

Esta igualdade proclamada, é de fato, aspirada por todos. Principalmente os que fazem parte das minorias as quais não possuem representatividade política. Aqui, de forma particular, os participantes da EJA, pois se eles fazem parte desse grupo é porque fica evidente que a Lei não foi efetivada. Não houve condições essenciais para que os educandos permanecessem na escola na época certa. Permanência requer motivação, criatividade, competência, ou seja, qualidade de ensino para fazer valer a vontade do aluno em permanecer na escola. Para que isso possa ocorrer é necessário que sejam criadas políticas públicas que priorizem esse acesso e permanência na escola de forma mais democrática, como também seja priorizado a formação continuada do corpo docente e dos gestores da educação, pois através de políticas públicas que priorizem essas temáticas, temos chances de promover uma educação de qualidade necessária à formação plena do cidadão.

No Art. 208 da Constituição de 1988 é visível que o Estado tem um dever com a educação e isso será realizado com algumas garantias, dentre elas, podem ser de interesse da Educação para Jovens e Adultos (EJA) os incisos I, III e VIII.

“I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;”

No inciso I pode-se ver que a educação básica é assegurada para aquele que por algum motivo não pôde fazê-la no tempo recomendado, e entende-se por educação básica a alfabetização, a linguagens matemática, etc.

“III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;”

Algo que se deve ser observado é que consta na Constituição de 1988 que o atendimento especializado aos portadores de deficiência é um dever do Estado e deve ser cumprido. A EJA está incluída na rede regular de ensino e assim como na

Educação Infantil, ensino Fundamental e Médio, este inciso deve ser cumprido também para os alunos da EJA.

“VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.”

Os programas suplementares que dão assistência de transporte, alimentação, material didático escolar e saúde são dever do Estado em todas as etapas da educação básica, o que inclui, novamente a EJA, ou seja, o Estado deve estar atento para essas necessidades que os jovens e adultos também têm, assim como as crianças e adolescentes.

Ainda no Art. 208 podemos observar que:

“§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.”

O direito à educação faz parte de um conjunto de direitos sociais, que têm como preocupação proporcionar a igualdade entre as pessoas. Em relação à educação de jovens e adultos que se caracteriza como educação pública para pessoas com experiências diferenciadas de vida e trabalho, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) veio para reforçar o que já está previsto na constituição em relação à educação brasileira, mas reitera e apresenta características específicas da educação ofertada a estes grupos.

Aprovada pelo congresso no ano de 1996, a LDB proposta pelo senador Darcy Ribeiro trouxe um diferencial em relação a legislação anterior, onde “reside na abolição da distinção entre os subsistemas de ensino regular e supletivo, integrando organicamente a educação de jovens e adultos ao ensino básico comum” (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

No primeiro momento, a LDB traz um título fazendo referências ao que está na Constituição Federal, garantindo a todos a educação como direito subjetivo, como dever do Estado e direito de todos. Cita ainda a educação como de acesso público e gratuito. No que diz respeito à educação de jovens e adultos, essa garantia de ensino público é gratuita, no ensino fundamental e médio, é reforçada na LDB, que estende esse direito aos que não o concluíram na idade própria, dos quatro aos

dezessete anos. No mesmo título ainda há uma caracterização da EJA, atribuindo a essa educação formas diferenciadas de oferta, como modalidades adequadas às necessidades e a disponibilidade dos jovens e adultos, para que a permanência na escola seja instituída.

Logo em seguida, a LDB acarreta uma seção específica para a Educação de Jovens e Adultos, a seção V, com os artigos 37 e 38, especificando as formas de realização dessa educação.

Seção V

Da Educação de Jovens e Adultos

“Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.”

Os sistemas relacionados a essa educação assegurarão gratuitamente a esses alunos oportunidades apropriadas, correspondente as características dos alunos. O poder público é responsável por viabilizar e estimular o acesso e a permanência do trabalhador na escola. A educação de Jovens e Adultos deverá se articular perfeitamente com a educação profissional.

“Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.”

§ 1º – *Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:*

I – no nível de conclusão do Ensino Fundamental, para os maiores de quinze anos;

II – no nível de conclusão do Ensino Médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º – *Os conhecimentos e as habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.*

Esses exames têm como objetivo avaliar se o aluno está apto ou não a concluir a fase de ensino em que se encontra, contribuindo para que o educando possa seguir com a sua trajetória escolar. Na Legislação anterior, a idade mínima para a conclusão do ensino fundamental e médio era, respectivamente, 18 e 21

anos. A diminuição da idade mínima para 15 e 18 anos é sem dúvida um grande estímulo para que os alunos não abandonem a escola.

A educação de Jovens e Adultos é um direito garantido por lei, porém os sujeitos dessa modalidade de ensino ainda enfrentam dificuldades para poder iniciar ou continuar a sua trajetória escolar, onde são excluídos não só social como também educacionalmente.

De acordo com MACHADO (2009), a aprovação dessa configuração da LBD “é um ponto chave na chamada reconfigurante do campo”, pois reafirma o direito à educação para os educandos da EJA, como também responsabiliza o Estado pela sua oferta e demanda, onde o mesmo assume a responsabilidade quanto ao cumprimento desse direito subjetivo (JULIÃO; BEIRAL; FERRARI, 2017).

2.1. As principais políticas públicas da EJA no Brasil

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua de 2017 trouxe então os dados de Analfabetismo no Brasil. Nesse período o nosso país tinha 11,5 milhões de analfabetos, sendo esses 7% da população.

Nesse sentido, as políticas públicas se tratam de um conjunto de ações criadas pelo governo para assegurar os direitos básicos garantidos pela Constituição Federal de 1988. As principais plataformas governamentais vinculadas a EJA são: O Programa Brasil Alfabetizado (PBA), o Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB).

O Programa Brasil Alfabetizado, criado desde 2003, é voltado para a alfabetização de jovens e adultos, sendo este projeto a porta de acesso para a garantia de seus direitos à educação, o interesse pela elevação da escolaridade e o pleno exercício da cidadania. O programa é destinado a jovens, a partir dos 15 anos, adultos e idosos analfabetos, sendo também destinado para aqueles em privação de liberdade e as populações quilombolas do campo.

Já o PROEJA, tendo base legal o Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006, tem como principal objetivo oportunizar a conclusão da educação básica juntamente com a formação profissional, para “jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de cursar o ensino fundamental e/ou o ensino médio na idade regular e que busquem também uma profissionalização”.

“Sua criação foi uma decisão governamental de atender à demanda de jovens e adultos pela oferta de educação profissional técnica de nível médio, da qual em geral são excluídos, bem como em muitas situações, do próprio ensino médio”. (PROEJA, PORTAL MEC)

Nos dias atuais, o PROEJA vem perdendo espaço para o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). Regida pela Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011, o programa busca “ampliar a oferta de educação profissional e tecnológica, por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira”, tendo como prioridade a abertura de vagas para estudantes trabalhadores da educação de jovens e adultos.

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), abrange toda a educação básica e está em vigor desde 2007 quando substituiu o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef).

“É um importante compromisso da União com a educação básica, na medida em que aumenta em dez vezes o volume anual dos recursos federais. Além disso, materializa a visão sistêmica da educação, pois financia todas as etapas da educação básica e reserva recursos para os programas direcionados a jovens e adultos.” (FUNDEB, PORTAL DO MEC)

Já o Programa Nacional de Educação (PNE) “determina as diretrizes, metas e as estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024”. Nesse período de 10 anos o governo é responsável, através das estratégias, por cumprir todas as metas declaradas no documento.

A EJA também está incluída no PNE, possuindo três metas importantes para o desenvolvimento dessa modalidade de ensino, sendo elas as metas 8,9 e 10.

Meta 8: Elevar a escolaridade média da população de 18 a 29 anos, de modo a alcançar no mínimo 12 anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (BRASIL, PNE , 2014)

A meta 8 possui 6 estratégias e entre elas a preocupante em termos educacionais é a 8.3 que garante um acesso gratuito à exames de certificação. Quando se pensa em certificação nos vem à ideia contrária de uma educação de qualidade. Muitos educandos farão pelo certificado “fácil” e dessa forma, não terão acesso a uma educação de qualidade, que forme seres pensantes e críticos.

A estratégia 8.6 que tem como proposta “promover busca ativa de jovens fora da escola pertencentes aos segmentos populacionais considerados, em parceria com as áreas de assistência social, saúde e proteção à juventude”, possui um caráter popular, já que a busca ativa é uma forma de trazer o educando até o lugar de ensino, onde ele percebe que é importante e se sente acolhido.

Meta 9: Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional. ((BRASIL, PNE , 2014)

Essa meta é problematizada pelas autoras MACHADO (2014) e RODRIGUES (2014) que criticam o fato da alfabetização não ser tratada como direito, mas sim como remédio a uma praga a ser erradicada. O Estado trata o analfabetismo como uma maldição. Quando se fala de erradicar o analfabetismo o Estado não avalia o que já foi feito e muito menos reflete que muitos jovens e adultos que não são escolarizados já passaram pela escola e a abandonaram. Os órgãos competentes devem identificar a diversidade do público que segue sem ser alfabetizada, e que a partir das suas diversidades deve-se definir uma política para que essa expansão possa contemplar de fato esse público que continua sem escolarização.

Meta 10: Oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional. (BRASIL, PNE , 2014)

Essa meta é a mais preocupante para EJA, pois os dados divulgados no Observatório do PNE mostram que essa meta está longe de ser cumprida, muito mais do que as outras. Somente 2,8% das matrículas são integradas a educação profissional e no Distrito Federal esse número é ainda pior, 0,2%. Esse dado demonstra que a Secretaria de Educação não está pronta para garantir uma meta assim, pois de acordo com profissionais da área, não há recurso, salas e profissionais capacitados para garantir a sua efetivação.

O PNE vigente termina em 2024 e até o momento somente algumas metas direcionadas a EJA estão perto de alcançarem a efetivação. A Meta 20 que dispõe sobre os investimentos públicos para a educação está ameaçada pela Proposta de Emenda Constitucional 55 que tem como finalidade limitar investimentos para a educação e saúde. No observatório do PNE, os dados referentes a essa meta não estão disponíveis, o que demonstra que infelizmente essa meta não tem tanta importância, sendo que deveria ser a mais importante já que sem o investimento na educação as outras metas ficam impossibilitadas de serem efetivadas.

CAPÍTULO 3

AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO DF

Não tão diferente do cenário da EJA pelo Brasil, a educação de jovens, adultos e idosos no Distrito Federal também apresenta avanços e retrocessos, principalmente na execução de suas políticas públicas a fim de priorizar de uma vez por todas essa modalidade de ensino.

No que tange ao DF, o primeiro avanço significativo pode-se dizer foi a junção entre a EJA e o Programa Brasil Alfabetizado, sendo nomeado de DF Alfabetizado, onde criou-se uma “nova visão” do programa. Essa prática existe não só no DF, mas também em outras regiões do Brasil (RESÊS; SILVEIRA; PEREIRA, 2017).

Além do DF Alfabetizado, o Distrito Federal possui outras políticas públicas voltadas para o público da EJA, sendo elas: a Agenda Territorial, a alimentação escolar para os educandos da EJA através da Lei nº 11974/2009, o Projeto Político Pedagógico Carlos Mota e o Currículo em Movimento da Educação Básica.

A decisão de voltar a estudar nem sempre é um caminho fácil e muitas vezes o educando acaba lutando contra o próprio preconceito de começar ou retornar os estudos. O Currículo em Movimento da Educação Básica vem justamente para “contemplar toda a diversidade representada pelos estudantes da EJA”, onde é necessário reconhecer e se atentar as especificidades desses educandos, pois só assim pode-se garantir o seu direito à educação.

Em relação às críticas e dificuldades na educação de jovens e adultos na esfera distrital, RESÊS; SILVEIRA; PEREIRA (2017) indicam que a evolução histórica da taxa de pessoas não alfabetizadas no DF ao longo de mais de dez anos passou de 5,54% em 2001 para 3,44% em 2013. Em 2018, de acordo com a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN) a taxa de sujeitos de 19 anos ou mais é equivalente a 2,9% da população do DF, aferida em 2.974.703 pessoas pelo IBGE (2018). Entretanto, mesmo sendo a única federação a receber o reconhecimento e o selo Território Livre do Analfabetismo, o Distrito Federal ainda possui um número alto de analfabetos, tendo cerca de 86 mil pessoas que infelizmente ainda não são escolarizadas. No momento, entre as cinco regiões com

a maior porcentagem de analfabetos está o Paranoá com 4,03%, o que equivale acerca de 3.465 pessoas (PDADDF – 2015).

Em seu trabalho intitulado Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores: Análise crítica do programa Brasil Alfabetizado, os autores RESÊS; SILVEIRA; PEREIRA (2017) acreditam que alguns desdobramentos devem ser avaliados para que o número de analfabetos no DF esteja tão alto. Acredita-se que o número de docentes da modalidade vem caindo, como também o número de escolas no Brasil. Outro fator é que as escolas que estão abertas ao público da EJA geralmente são de difícil acesso e distante de suas residências, e, quando esse educando acaba conseguindo frequentar a instituição, muitas vezes o “caráter propositalmente burocrático das instituições públicas é excludente”.

“Até 2011 o DF contava com 1139 escolas gerais, das quais, 645 pertencem a rede pública. Do total de 1139, somente 125 escolas públicas ou particulares oferecem EJA. Das 645 escolas públicas, apenas 110 possuem turmas de EJA e apenas 56 possuem turmas de 1º segmento da EJA”. (RESÊS; SILVEIRA; PEREIRA 2017, p.78)

QUADRO 1. REGIÕES ADMINISTRATIVAS COM ESCOLAS QUE OFERTAM A MODALIDADE EJA NO DF.

Regiões Administrativas com escolas que ofertam a modalidade EJA no DF	
Quantidade de escolas	RA's
0	7
1	6
2	4
3	2
4	3
5	2
6 ou mais	7
TOTAL	31

Fonte: Censo Escolar 2018, SEEDF.

Atualmente, existem 31 regiões administrativas no DF e, conforme o Quadro 1, dessas 31 cidades, 7 delas não ofertam nenhum tipo de modalidade na EJA, e 6 cidades ofertam apenas 1 escola de EJA. Dessa forma, podemos observar uma baixa quantidade de escolas que ofertam essa modalidade de ensino, dificultando a trajetória escolar de seus residentes.

Em relação a Quadro 2, que mostra os dados do Censo Escolar de 2018, existia no DF, no segundo semestre de 2018, 107 instituições que ofertavam a EJA. Dessas escolas, 71 ofertavam o 1º segmento, 70 ofertavam o 2º segmento e 61 ofertavam o 3º segmento. A Ceilândia, por ser a maior região administrativa do DF e possuir o maior número de habitantes, possui mais escolas, seguida por Planaltina e Sobradinho. O Paranoá aparece com 6 escolas que ofertam a modalidade da EJA, porém não levamos em conta que a região também é grande, já que engloba também a área rural, dessa forma, somente 6 unidades escolas não são suficiente para cobrir toda a região. (vide, Quadro 2)

QUADRO 2. UNIDADES ESCOLARES QUE OFERTAM A EJA NO DF – SEGUNDO SEMESTRE DE 2018

RA	Total de Unidades Escolares	1º Segmento	2º Segmento	3º Segmento
Brasília	3	3	3	2
Brazlândia	4	2	2	3
Candogolândia	1	1	1	1
Ceilândia	17	9	10	9
Cruzeiro	1	1	1	1
Gama	9	6	6	7
Guará	4	2	2	2
Itapoã	2	1	1	1
Lago Norte	1	0	0	1
Núcleo Bandeirante	2	2	2	2
Paranoá	6	5	2	3
Planaltina	12	9	8	7
Recanto das Emas	6	4	4	2
Riacho Fundo	3	3	3	3
Samambaia	9	5	7	6
Santa Maria	5	2	3	2
São Sebastião	5	3	2	2
SCIA	2	1	1	1
Sobradinho	10	7	7	3
Taguatinga	4	4	4	3
Varjão	1	1	1	0
Total	107	71	70	61

Fonte: Censo Escolar 2018. SEEDF.

3.1. PARANOÁ, UM LUGAR DE LUTA

A Região Administrativa do Paranoá, situada às margens do lago que leva o seu nome, teve início durante a construção da Barragem do Lago Paranoá na década de 1956. Com a construção da barragem, muitas pessoas, em sua maioria homens, migraram para o cerrado brasiliense para conseguir trabalho e poder trazer os seus conterrâneos, fazendo com que o acampamento montado para os trabalhadores fosse aos poucos se transformando em uma pequena cidade.

“Alguns anos mais tarde a Vila Paranoá recebe uma Capela, que é consagrada a São Geraldo, e uma escola pública, em madeira, que

fica conhecida e vira referência com nome de Colégio Velho”.
(JESUS, 2007)

Nessa capela foi fundado um grupo jovem denominado TUCA que tinha como principal objetivo “levar amor e oração às famílias do Paranoá”, porém o que encontram foi uma cruel realidade, onde todos ali sofriam por não possuírem saneamento básico, iluminação, transporte, água e educação de qualidade.

Vendo que havia uma grande demanda por melhorias na Vila Paranoá, o grupo de jovens se mobilizou e em 1987 fundaram o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – CEDEP que tinha como principal objetivo representar jurídica e politicamente a comunidade e dar prosseguimento aos projetos de fixação, moradia e educação que estavam sendo requeridos desde há alguns anos.

Em 10 de dezembro de 1964, com a Lei nº 4.545, foi criada a Região Administrativa do Paranoá, porém, somente em 25 de outubro de 1989, com Decreto nº 11.921, foram fixados os novos limites e a transferência do assentamento para área definitiva do Paranoá. Após a fixação da Vila Paranoá, a área do antigo acampamento tornou-se o Parque Vivencial do Paranoá aprovado pelo Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente – CAUMA, em 1992, e instituído pelo GDF por meio do Decreto nº 15.899/94. Em 2015, a PDAD estimou a população urbana do Paranoá em 48.020 habitantes. (PDAD, 2015)

Hoje, os pioneiros vivem em lugar que é seu e buscam continuar a parceria firmada com a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB, consolidada em 1986-1987 no período de luta da comunidade, onde a UnB deu o seu apoio e atuou juntamente com o CEDEP na alfabetização de jovens e adultos, levando uma educação transformadora e emancipadora para os educandos ali presentes.

Essa parceria entre o CEDEP e a Faculdade de Educação – UnB, através do GENPEX, dura até os dias atuais, tendo até o ano de 2018 como frente a ação transformadora na Escola Classe 03 do Paranoá e as formações continuadas das alfabetizadoras presentes na cidade.

As formações continuadas das alfabetizadoras é uma atividade que continua vingando e dando resultados, contado hoje com a parceria do Movimento de Educação de Base – MEB.

Antes de 2013 a Escola Classe 03 do Paranoá não atendia os alunos da EJA. Em decorrência dos educandos egressos da educação popular através do DF Alfabetizado e, por conta da grande demanda, a escola foi aberta para atender aqueles que se interessavam em dar prosseguimento aos estudos.

A parceria firmada entre o GENPEX e a Escola Classe 03 do Paranoá durou de 2015 a 2018. Durante esse período o GENPEX atuou inicialmente na sala de informática e aos poucos foi ganhando a confiança não só dos educandos, como também dos docentes.

No ano de 2015 foram desenvolvidos dois projetos que se integravam. O livro de receitas regionais e o estudo e interpretação das vidas do livro Vidas Secas do Graciliano Ramos. Os dois trabalhos visavam a valorização da identidade cultural dos indivíduos, pois mesmo aqueles que não eram oriundos do nordeste, se identificaram com as imagens do livro.

Nos anos de 2017 e 2018, os principais temas trabalhados eram aqueles identificados através das situações-problemas-desafios. Os temas eram propostos e debatidos pelos educandos dentro da sala de aula e, após as discussões, era produzido um texto coletivo sobre a visão dos alunos. Durante esse período, um dos temas em destaque foi “A escola que temos, a escola que queremos”, onde os educandos chegaram a fazer um abaixo assinado com pedidos de melhorias para a Regional de Ensino do Paranoá.

Na sala de informática usávamos da vivência dos educandos e dos recursos tecnológicos para alfabetizá-los. Atendíamos preferencialmente as primeiras etapas do 1º segmento da EJA, a alfabetização. Ao longo do processo fomos ganhando espaço e tivemos acesso não só a sala de informática, como também a sala de aula.

Ao longo dos anos a Escola Classe 03 do Paranoá sofreu alguns percalços desde sua abertura para o público da EJA, sendo fechada para essa modalidade de ensino no final do 2º semestre de 2018, transferindo os seus educandos para outras escolas da região.

Durante o período de parceria entre o GENPEX e a E.C. 03 do Paranoá, onde participei por 5 semestres, pude conviver e conversar com os educandos sobre a importância da localização da escola. A instituição se localiza bem no centro da cidade, ficando viável para todos os educandos, pois muitos não utilizam nenhum meio de transporte, indo a pé para a escola.

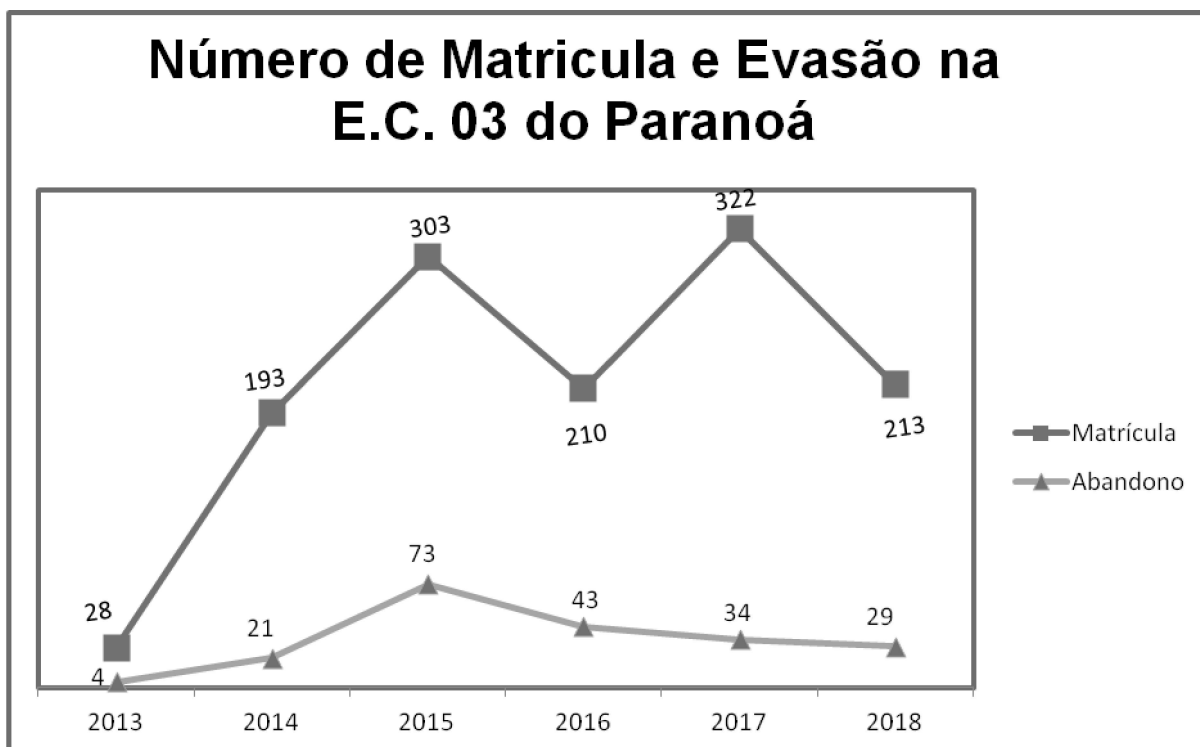
Assim que os rumores sobre o fechamento de turmas no Paranoá chegaram na escola, os alunos ficaram receosos de serem transferidos para uma instituição mais longe. No momento existem somente duas escolas no Paranoá que recebem alunos da EJA, entretanto, as duas ficam localizadas nas extremidades da cidade, em quadras distantes, dificultando a trajetória dos educandos.

Após o fechamento da instituição, alguns alunos migraram para a educação popular, onde as alfabetizadoras atuam. As turmas estão localizadas em vários lugares da cidade, otimizando assim a locomoção dos educandos.

A partir do momento que o GENPEX entra em contato com o CEDEP, a oportunidade do grupo atuar juntamente com as alfabetizadoras foi efetivada, onde agora atuamos na Escola X do Paranoá com as turmas de alfabetização do MEB.

Entretanto, se analisarmos o número de matrícula e o número de evadidos da instituição fechada percebe-se que a escola possuía 184 alunos presentes no ano de 2018, um número bastante significativo de alunos frequentes. Esses alunos foram negligenciados e tiveram que ir para outra instituição, que não era a desejada por eles, e não foram informados do motivo do fechamento da instituição.

QUADRO 3. NÚMERO DE MATRÍCULA E EVASÃO NA E.C. 03 DO PARANOÁ.



Fonte: Gerência de Disseminação das Informações e Estatísticas Educacionais. SEEDF.

Durante os 6 anos da EJA funcionando na E.C. 03 do Paranoá, tivemos um aumento significativo de alunos nos anos de 2013 a 2018. Mesmo em 2018 tendo uma queda de 104 alunos em relação ao ano de 2017, a escola ainda tinha 184 alunos frequentes. Com o fechamento da escola, todos esses educandos tiveram que fazer escolhas: ir para a escola mais longe ou desistir dos estudos no momento.

CAPÍTULO 4

AS SIGNIFICAÇÕES DO FECHAMENTO DE ESCOLAS E SEUS DESDOBRAMENTOS

Após o fechamento da instituição, muitos educandos tiveram que deixar a sua rotina de estudos e se adaptar a sua nova realidade, seja ela em outra escola ou interrompendo a sua trajetória escolar.

Para que pudéssemos entender todo o processo de significações dos educandos em relação não só ao fechamento, como também a sua visão do futuro em relação aos estudos foram feitas entrevistas com discentes matriculados no programa de alfabetização conduzido pelo MEB e CEDEP e que eram oriundos da E.C. 03 do Paranoá.

Dentre os alunos que se encaixavam no perfil da pesquisa, quatro se dispuseram a falar sobre a sua perspectiva e dar a sua opinião sobre o fechamento de sua antiga instituição de ensino. Os educandos matriculados possuem a faixa etária dos 43 até 69. São adultos que moram na região do Paranoá e todos vieram do nordeste em busca de uma vida melhor.

Antes do fechamento da escola, todos os educandos entrevistados permaneceram na instituição por pelo menos 2 semestres. A dona Maria e a Adriana estudaram durante 2 anos, seu José ficou por 1 ano e meio e o seu Pedro por 1 ano.

4.1. Os motivos de estudar na E.C. 03 do Paranoá

Quando perguntados sobre os motivos para a escolha da E.C. 03 do Paranoá, a educanda Adriana diz que “é mais próxima da minha casa e aí tinha minha vizinha também que estudava lá e eu ia com ela entendeu”. Assim, a localização, por ser perto da sua residência, como também o apoio para ir e voltar, são pontos que auxiliam na permanência do educando na escola.

Os outros três entrevistados citaram outros pontos relevantes, como a questão de mudança de escola, motivação para aprender cada vez mais e conseguir driblar as adversidades da vida através dos estudos, como foi o caso seu Pedro:

“O motivo foi o aprendiz, que eu não consegui aprender quando eu era mais jovem e isso me fez falta hoje né. Eu fiquei 15 anos no comércio, eu entrei no comércio, parei da obra e entrei por conta própria e tive essa dificuldade por eu não saber ler e escrever, então ficou um pouco difícil pra gente manter nas cidades grandes. Principalmente nas cidade grande eu falo pras pessoa valorizar o estudo porque é o principal, uma pessoa na cidade grande sem saber, sofre. Dificuldade pra arrumar emprego, pra sair de uma cidade pra outra, pegar um ônibus na cidade satélite. Então hoje, até pra pegar um ônibus tem que saber ler e escrever”.

Outro ponto de destaque é a fala de seu José, onde ele diz “eu estudava aqui antigamente e ai mudaram pra lá né, ai a gente foi estudar lá”, assim, observamos que antes de estudar na E.C. 03 do Paranoá, o educando já tinha passado pela escola de ensino fundamental em que está no momento, onde a mesma foi fechada e os alunos transferidos para outra instituição.

O educando em questão já passou por 2 escolas na região que fecharam, sendo transferido para a mesma escola após o fechamento da E.C. 03 do Paranoá. A inconstância pode levar o educando a evasão, já que quando ele se acostuma com o ambiente escolar há uma ruptura dessa rotina, sendo transferido para outra instituição sem ao menos levar em conta a escolha do educando.

4.2. As experiências dos educandos com a E.C. 03 do Paranoá e com o projeto GENPEX

Durante o período em que estudaram na instituição, todos os educandos deram respostas positivas, o que demonstra o apreço dos alunos para com a escola.

José: Foi muito boa, é que a gente aprende mais um pouco. As continhas de mais, de menos, de vez. Ler, eu sei ler um pouco, fazer um pouco de conta, isso aí eu sei. Mas é aquele negócio, cada dia a gente tem que desenvolver mais um pouco.

Maria: Foi muito boa, eu gostei bastante.

Adriana: Minha experiência foi boa, eu aprendi lá, teve umas coisas que eu aprendi, eu não sabia escrever em computador. Comecei a mexer lá, eu tive aula de informática, eu gostava muito! Acho que era na terça né que vocês davam aula né.

Nessa parte da entrevista percebe-se a questão nostálgica, onde os educandos relembram situações cotidianas na vida pessoal e escolar, onde falam das aulas e dos bons professores que tiveram na antiga escola.

A questão das aulas é algo muito estimado aos educandos, pois eles apreciam muito os professores que passam o conteúdo e estimulam os seus alunos. Como é o caso da fala do seu Pedro, onde ele descreve a forma como eram as aulas na E.C. 03 do Paranoá, sendo essa forma a mais eficiente para ele.

“Tem uns professor lá, que pegava bem seguro no pé, não era daqueles que colocava duas letras e saia perguntando de mesa em mesa, eles colocam a palavra e já perguntava que palavra era aquela. E muito bom os professor, que eu passei por lá, tanto na área de matemática, principalmente hoje, eu não me preocupo muito com matemática”.

Ao serem questionados sobre a questão da sua vivência no projeto do GENPEX na sala de informática, os alunos relataram que gostavam muito da iniciativa e que aprendiam utilizando o computador, sendo ele uma ferramenta didática, expansiva e inclusiva.

José: Era muito bom mexer e aprender no computador.

Maria: Nossa eu adorei, eu adorava tudo lá e tinha uma vontade grande de saber, aprender. Pra mim aquela coisa era o presente maior do mundo, era toda empolgada pra aprender. Adorava mexer no computador, mas a alegria foi pouca né.

Pedro: Ele é um trabalho muito importante, porque ele vem despertar as pessoas, que dependendo de cada aluno se tiver um dom, uma boa vontade mesmo, tudo faz parte de boa vontade né e interesse, e as pessoas muitas vezes não sabem nem ligar um computador, não sabe nem pra onde que vai um mouse daquele... E a gente vê as crianças, ele sabe tudo puxar um desenho aqui, eu tenho até um de 1 ano e sete meses, que aperta lá as teclas e sabe aumentar e puxar o desenho que ele quer. Imagina que eu lá de 50 e poucos anos, perco pra um neto de 1 ano e pouco (risos), é incrível mas é isso aí, o mundo de hoje.

Adriana: Gostei muito, era bom porque quando uns estavam na sala de informática, porque como era pouco computador né e tinha muita gente na sala, a gente tava aprendendo na sala de aula e se fosse

pro computador a gente tava aprendendo lá também, então muito bom.

O uso do computador como uma ferramenta pedagógica abre um leque de possibilidades aos alunos, onde os educandos aprendem a manusear um computador e a estarem cada vez mais perto de se apropriarem do mundo tecnológico, além de contribuir para a aprendizagem de diversos conteúdos (JUSTO, 2017), sendo dessa forma, considerada uma prática inovadora na educação de jovens e adultos, se desvencilhando da educação tradicional.

4.3. O fechamento da escola e as dificuldades enfrentadas

Em relação ao fechamento da escola, podemos perceber através dos relatos que os educandos não gostaram e não são a favor desse fechamento, pois não só interrompeu a sua vida escolar, como também foi uma ruptura com o vínculo criado entre os alunos.

Maria: Eu me senti triste. Que ali era uma turma danada, era muita gente. Na hora do lanche a fila dobrava de tanta gente.

Pedro: Não só por mim, mas pelas outras pessoas também. Vem um desânimo. Não sei também, muitas vezes os professores se preocupava se tinha lanche e tudo e aquilo incentivava os alunos, a hora do lanche, o pessoal tinha aqueles minutinhos pra bater papo e conversar e tudo isso faz parte do dia a dia das pessoas. E tinha mais gente, mais aluno e isso incentiva a gente a querer estudar, vendo o outro. Você chega na sala de aula e vê um aluno ou dois, você vai perdendo aquela vontade de estudar, é muita vontade mesmo pra poder vir. [...]É, dessa escola de hoje, porque se tivesse as salas mais cheias, isso chama mais atenção e um vai passando informação pro outro. Poxa, e um olha pro outro e pensa 'fulano ta estudando, então eu também vou estudar' um incentiva o outro, esses detalhes eu acho importante.

Em seu trabalho final de curso realizado na mesma E.C. 03 do Paranoá, Almeida (2013) diz que “é possível afirmar que eles veem a escola como um espaço de socialização, um lugar em que podem encontrar e interagir com outras pessoas,

de variadas idades, formações e origens” e através das entrevistas fica evidente que os alunos veem a escola como um espaço de formação e convivência.

A questão da localização foi a grande problemática na resposta dos educandos. O seu José e a dona Adriana resolveram falar sobre a mudança de quadra.

José: Eu não gostei não, ir lá pra baixo, muito longe. [...] Tendo vaga, tendo possibilidade de estudar ali mais perto de casa, porque espaço tinha, tem tanto aqui que nem lá, com certeza isso aí eu sei. Mas não sei por que motivo colocaram pra lá.

Adriana: Meu Deus, onde é que eu vou arrumar uma escola?’ Porque lá pra baixo eu não desço sozinha... O negócio não é na hora de ir, é na hora de vir e tem vezes que eu chego tarde do meu trabalho e eu pensei ‘e agora? Eu não posso deixar de estudar, logo agora eu tava aprendendo, não posso desistir, vou caçar uma escola pra mim.

A partir dessas falas podemos afirmar que a localização da instituição faz a diferença na vida dos educandos da EJA. Quanto mais perto da sua residência, ou, melhor for a localização, em questão de iluminação, segurança, e etc, os alunos irão optar pela proximidade e segurança, podendo abandonar a instituição caso não se sintam seguros no trajeto de ir e vir.

Sobre a dificuldade enfrentada após o fechamento da escola, os educandos relatam que infelizmente o tempo e a abordagem pedagógica não é a mesma, pois acreditam que se estivessem na E.C. 03 do Paranoá já estariam mais adiantados aprendendo mais o conteúdo possibilitando a sua ida ao segundo segmento da EJA.

José: A dificuldade é assim, lá parece que a gente aprende mais um pouco, assim desenvolvido, porque a gente aprende a computação e tem mais de 19h às 22h, tem mais tempo, você escreve mais texto... É dessa maneira. Eu acho que é mais melhor um pouco.

Maria: Atrapalhou um pouco, que eu podia tá mais sei lá, avançada, ai eu achei que caiu um pouco. Um pouco não, muito mesmo.

Pedro: Para mim ela faz falta, porque a gente voltei a estudar aqui e continua, mas era pra eu tá lá embaixo, os professores lá puxam mais, tem umas tarefas mais pesadas.

Adriana: É, tem hora que eu tenho um pouquinho né, a matemática eu tenho, tem hora. Tenho um pouco de dificuldade na matemática, português nem tanto. Eu sou um pouco ruim na matemática.

Através das falas percebe-se que os educandos, mesmo matriculados na alfabetização do MEB, ainda apresentam dificuldades na matemática e sentem falta das aulas de informática, como dito pelo senhor José. A questão da “marcação cerrada” dos professores para que os alunos aprendam também faz falta aos educandos, como também as atividades feitas na antiga turma.

4.4. A continuidade nos estudos e a possível abertura da E.C. 03 do Paranoá

Mesmo com as adversidades descritas no tópico anterior, como o percurso escolar e o fechamento da instituição, os educandos pretendem continuar os estudos e sanar as suas dificuldades com a escrita, a leitura e matemática. Como dito pelos educandos José e Adriana.

José: “A minha relação é aprender mais e desenvolver mais algumas coisas né, a ler mais. Eu queria escrever, eu sei ler, mas escrever, eu escrevo muitas coisas, mas é errado. Eu queria só treinamento, ler direito e escrever corretamente, só isso que eu queria mais aprender. Aqui também é bom, ela escreve muitas coisas, tudo que ela escreve no quadro eu leio tudinho e escrevo também... É assim mesmo...”

Adriana: “Eu só quero sair da escola no dia que eu aprender ler e escrever, é o meu sonho. Não quero fazer faculdade, não quero fazer nada. Quero conseguir ler uma revista toda, um jornal, é só isso que eu quero, aprender a ler mesmo”.

Sempre mantendo a positividade em relação ao futuro, dona Maria e seu Pedro pretendem continuar a estudar até quando puderem, mostrando as suas motivações em relação a aprender.

Maria: Enquanto eu tiver aqui, enquanto Deus não me chamar. Enquanto eu puder andar eu to indo, empurrando com a barriga (risos) mas vou.

Pedro: Eu até brinco com as professoras ‘olha, daqui até os oitenta anos eu vou tentando.’ Eu vou estudar enquanto eu puder vir aqui no

colégio, eu vou porque eu acho muito bonito a pessoa saber ler, pra não depender dos outros né. E nessas áreas de trabalho é fundamental o estudo né, vejo na minha área, eu aprendi a fazer conta na calculadora, aprendia a usar o celular. Quando chegava no orelhão eu não sabia nem colocar o cartão, precisava pedir ajuda para as outras pessoas, mas hoje se me der o endereço de qualquer lugar aqui em Brasília, anotado num papel, eu não preciso perguntar para ninguém, se for o conjunto J, G ou H, qualquer letra ou se for no plano caçar um banco, uma loja. Eu já fiquei perdido pra cima e pra baixo procurando endereço porque eu não sabia e as pessoas me ensinavam o caminho errado, as vezes eu tava na porta, mas não olhava o número. Então, esse pouco que eu já estudei, já me ajuda mais, já to dando um passo. Eu conheço as letras todas uma, por uma. O que falta aqui mais um pouquinho é incentivar, praticar, treinar. Para que eu possa aprender a juntar sílabas e letras, pra poder ler e escrever, só isso que ta me faltando.

Assim, podemos concluir que a motivação na EJA é um item crucial para a aprendizagem dos educandos, sendo essa motivação advinda das dificuldades enfrentadas durante a sua trajetória de vida.

Ao serem questionados sobre uma possível abertura da E.C. 03 do Paranoá todos os alunos responderam que se caso pudessem eles voltariam a estudar na escola, o que reforça a questão da instituição significar muito para esses educandos, pois se a escola fosse um lugar de difícil acesso ou o ensino fosse precário, eles não voltariam a estudar lá.

Finalizando a entrevista, os alunos foram questionados com a seguinte pergunta: “Se pudesse dizer, com suas palavras, as razões para a escola voltar a funcionar, o que você diria em favor dessa abertura?”. As respostas foram as seguintes:

José: Eu acho importante, porque tem muita gente que ta fora e se ela voltar pra lá, essas pessoas que estão afastadas iriam voltar tudinho.

Maria: Que que eu diria... Que abrisse mesmo de verdade e que a gente continuasse, todo mundo, lá dentro aprendendo, das professora, as professoras era muito legal, davam a maior força. Se

abrisse seria uma coisa muito boa né. Não sei se eu soube responder.

Pedro: Olha, se fosse um abaixo assinado para a volta da escola, eu era o primeiro a assinar. Porque até facilita mais, que fica mais perto, ninguém precisa descer lá embaixo. 'ah, mas tem o transporte' mas são os horários, as pessoas que trabalham pegam transporte e muitas vezes chegam atrasados, tinha uma colega minha que descia do ônibus, as vezes eu encontrava com ela ali, ela passava em casa só pra pegar o caderno e ia pra aula, as vezes nem água ela tomava. Porque ela só podia sair do serviço quando a patroa chegava porque ela cuidava de duas crianças. Não podia deixar as crianças só. Eu só torço que volte, vocês fazem um trabalho bem bacana, que seja aprovado e então se ela voltar, eu tenho certeza que vocês estão de parabéns. Deus abençoe no seu trabalho que dê tudo certo. Que deus toque no coração de alguém lá, e aprove e a escola volte pra gente. Porque é muito importante, eu vejo as pessoas no nordeste, até na roça estudando, é muito importante.

Adriana: Que continuasse a ter aula pra nós a noite, pra outras pessoas também que precisa, que desistiu e seria muito bom pra nós. Era isso que eu tinha pra falar, porque teve muita gente que desistiu, eu conheço pessoas que não tão estudando mais, porque chega casado do trabalho e não tem como descer lá pra baixo, chega tarde... E ali era bom que era pertinho.

Aqui podemos concluir que a E. C. 03 do Paranoá cativou todos os educandos entrevistados. Questões como a localização, segurança, as amizades criadas, o conteúdo e as aulas dos professores foram itens cruciais para que os educandos se sentissem tristes e desmotivados com o fechamento da instituição. O que manteve os alunos estudando foi realmente a questão da motivação, pois o aprender é o anseio de não só os educandos entrevistados, como também de todos os educandos da EJA.

Através desses relatos percebemos que a instituição faz falta a esses educandos. CAMPOS; OLIVEIRA (2003) apud FONSECA (2002, p. 5) em sua tese de mestrado, afirma que:

“os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados quando o jovem e adulto deixam a escola para trabalhar; quando as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, da falta de material didático; e também abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles”.

Os motivos para o abandono escolar podem ser os mais diversos, mas como visto nas entrevistas, o tempo de qualidade em sala de aula, professores motivados, segurança e uma boa localização da escola em relação à distância do trajeto de ir e vir, podem sim contribuir para a permanência desses educandos na escola. Para os alunos entrevistados, a E.C. 03 do Paranoá possuía todos esses requisitos, por isso, uma possível reabertura seria a chave para que esses educandos não desistissem do sonho de aprender cada vez mais.

4.5. Considerações Finais

O trabalho apresentado foi pautado na significação dos educandos em relação ao fechamento da sua instituição de ensino, fazendo com o que o seu direito à educação seja negado.

Na Constituição de 1988, a educação é um direito de todos, porém, a sua permanência está, infelizmente, longe de ser. Sendo citado na constituição e reforçado na LDB, a educação é um direito subjetivo do ser humano, lícito e que aquele de direito pode exigir o cumprimento das normas estabelecidas através da lei.

Mesmo a educação sendo um direito subjetivo, muitos educandos da EJA não usufruem, sendo pelos mais diversos motivos, e daqueles que reivindicam por esse direito acabam encontrando obstáculos para prosseguir com os seus estudos, interferindo na sua permanência escolar.

Como vimos no decorrer do trabalho, pouco se pesquisa sobre as significações dos educandos em relação a sua instituição de ensino, como também o fechamento de escolas para o público da EJA. O que é algo grave, pois muitas

vezes o restante da população não compreende ou não sabe sobre o fechamento dessas escolas.

Assim podemos concluir que a intenção dos alunos nunca foi de abandonar a E.C. 03 do Paranoá, e sim concluir o primeiro segmento da EJA nessa instituição. Se a escola fosse de alguma forma excludente os educandos não iriam almejar tanto reabertura e a sua volta aos estudos na mesma. Assim, podemos perceber que os educadores e a equipe de apoio eram essenciais na formação e na continuidade dos estudos para esses indivíduos e, após essa interdição do seu direito a educação, os educandos ficaram sem esse suporte, dificultando a sua continuidade nos estudos.

PARTE III

PROJETOS PARA O FUTURO

Após a minha colação de grau no curso de Pedagogia pretendo iniciar uma pós-graduação em coordenação escolar e após a conclusão dessa etapa, pretendo ingressar no mestrado da faculdade de Educação da Universidade de Brasília, na área da Educação de Jovens e Adultos.

Em relação a parte profissional, pretendo trabalhar na área da EJA e contribuir para a formação de jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de concluir a educação básica no período dito “correto”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência de notícias, IBGE. **IBGE divulga as Estimativas de População dos municípios para 2018**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/22374-ibge-divulga-as-estimativas-de-populacao-dos-municipios-para-2018>. Acesso em 30 de maio de 2019.

ALMEIDA, Claudio Marcelo Raposo de. **Educação de Jovens e Adultos: a escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos**. 2017. 122 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação – PNE**. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014.

CAMPOS, Edna Lúcia Ferreira; OLIVEIRA, D. A. **A Infrequência dos alunos adultos trabalhadores, em processo de alfabetização, na Universidade Federal de Minas Gerais**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN. **Perfil e Percepção Social dos Adolescentes em Medida Socioeducativa no Distrito Federal - 2014**. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/N%C2%BA-12-2014-Perfil-e-percep%C3%A7%C3%A3o-social-dos-adolescentes-em-medida-socioeducativa-no-Distrito-Federal-Parano%C3%A1.pdf> . Acesso em 30 de maio 2019.

Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal – PDADDF – 2015**. Disponível em:

<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Distrito-Federal-1.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2019.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948.** Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em 29 março 2019.

DISTRITO FEDERAL, **Currículo em Movimento da Educação Básica**, caderno: Educação de Jovens e Adultos. SEEDF, 2013.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, 1995.

HADDAD, Sergio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos.** *Rev. Bras. Educ.* 2000, n.14, pp.108-130.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Notas estatísticas, Censo Escolar, 2016.** Brasília, DF, fevereiro de 2016.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua - 2017.** Brasília, DF. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>. Acesso em 30 maio 2019.

JESUS, Leila Maria de. **A repercussão da atuação de educadores/as populares do CEDEP/UNB na escola pública do Paranoá-DF.** Programa de Pós-graduação, Faculdade de Educação – UnB, 2007.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes; BEIRAL, Hellen Jannisy Vireira; FERRARI, Gláucia Maria. **As políticas de educação de jovens e adultos na atualidade como desdobramento da constituição e da LDB.** Unisul, Tubarão, v.11, n. 19, p. 40-57. Jan/Jun 2017.

JUSTO, D. M. M. **“O uso do computador na EJA como potencializador do processo de alfabetização e letramento no contexto do projeto de inclusão**

digital do GENPEX".113 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19058/1/2017_DayaneMagalhaesMartinsJusto.pdf . Acesso em: 15 maio 2019.

MACHADO, Maria Margarida. **A educação de jovens e adultos no Brasil após-Lei nº9.394/96: a possibilidade de constituir-se como política pública**. Em Aberto, Brasília, v.22. n.82, p. 17-39, nov., 2009.

MACHADO, Maria Margarida; RODRIGUES, Maria Emilia de Castro. **“A EJA na próxima década e a prática pedagógica do docente”**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 8, n. 15, p. 383-395, jul./dez. 2014.

MORENO, Ana Carolina. **Em uma década, Brasil perde um terço das escolas para adultos com aula de ensino fundamental**. G1, 06 de abril, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/06/em-uma-decada-brasil-perde-um-terco-das-escolas-com-aula-do-ensino-fundamental-para-adultos.ghtml>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

O observatório do PNE. **Indicadores. Metas**. Disponível em: <https://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metas>. Acesso em 30 de maio de 2019.

PORTAL MEC. **Analfabetismo no país cai de 11,5% para 8,7% nos últimos oito anos**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32962>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

PORTAL MEC. **Fundeb – Apresentação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/fundeb>. Acesso em: 24 maio 2019.

PORTAL MEC. **Perguntas e respostas – PROEJA**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10656-perguntaserespostas-proeja&category_slug=abril-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 21 de abr. 2019.

RÊSES, Erlando da Silva; SILVEIRA, Dimitri Assis; PEREIRA, Maria Luiza Pinho. **Educação de jovens e adultos trabalhadores: análise crítica do Programa Brasil Alfabetizado**. Brasília: Editora Paralelo 15, 2017.

SEEDF, Censo Escolar da Rede Pública de Ensino: 1º Segmento da Educação de Jovens e Adultos. 2013 – 2018.

SILVA, Débora Oliveira. **A inserção da educação popular no contexto da Educação de Jovens e Adultos: visões do corpo docente.** 2017. 89f., II. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA



Roteiro de entrevista

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Profissão:
5. Data de Nascimento:
6. Local de Nascimento:
7. Caso não seja brasileiro, qual foi o motivo da vinda para Brasília?
8. Estado civil:
9. Filho:
10. Possui dependentes financeiros ou depende financeiramente de alguém?
11. Possui casa própria?
12. Reside com alguém?
13. Possui experiência escolar? Se sim, até que idade estudou?
14. Quais os motivos para escolher estudar na Escola Classe 03 do Paranoá?
15. Quanto tempo estudou na Escola Classe 03 do Paranoá?
16. Como foi a sua experiência na Escola Classe 03 do Paranoá?
17. Como foi a sua experiência na Escola Classe 03 do Paranoá com o projeto realizado pelo GENPEX-UnB dentro de sala de aula e na sala de informática?
18. Como se sentiu com o fechamento da escola?
19. Vem enfrentando alguma dificuldade após o fechamento da escola?
20. Quais são as suas perspectivas em relação à continuidade nos estudos?
21. Caso a escola volte a funcionar, você voltaria a estudar na Escola Classe 03 do Paranoá?
22. Se pudesse dizer, com suas palavras, as razões para a escola voltar a funcionar, o que você diria em favor dessa abertura?

APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa/título: A interdição do direito à educação: significações do fechamento de escolas para educandos da EJA

Nome: Thayná Rodrigues Portela

(matrícula nº: 140163778)

Orientadora: Maria Clarisse Vieira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu,

_____,
matriculada(o) no Movimento de Educação de Base, declaro que fui informada(o) e estou ciente quanto à realização do trabalho de pesquisa acima destacado, desenvolvido nas dependências dessa escola, tendo contribuído voluntariamente com minha participação na entrevista realizada nesta data. Assim sendo,

concordando com a realização da entrevista e com sua gravação, autorizo o uso e a divulgação do áudio da gravação, mas também, do meu nome, apenas e tão somente no que se refere à citada pesquisa. Observo que me foi entregue uma cópia deste termo.

Atenciosamente,

Brasília - DF, _____ de _____ de 2019.

Ass.: _____

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1 – Realizada em 11/06/2019, às 19h23 (duração de 7 minutos e 48 segundos).

1. Nome: José
2. Idade: 57
3. Sexo: Masculino
4. Profissão: Pedreiro
5. Data de Nascimento: 17/03/1962
6. Local de Nascimento: Ceará

Thayná: Qual foi o motivo da sua vinda para Brasília?

José: Ah, eu era um rapaz novo né, 19 anos, aí eu vim embora pra cá, pra Brasília, e aqui mesmo eu casei e tive a minha família e depois já tive neto e já tenho 33 anos que moro aqui em Brasília, e estudo né, um pouco né.

Thayná: Então o motivo foi pra tentar algo melhor.

José: É pra melhorar as coisas né. Sempre trabalhar pra sobreviver, porque lá no Nordeste as coisas eram muito difíceis e a gente solteiro, vou ficar lá nada. Vim embora pra cá.

Thayná: E o senhor agora é casado?

José: Sou, 4 filho, 5 neto. Bom demais.

Thayná: O senhor possui dependentes financeiramente ou é dependente de alguém? Não é não né, o senhor trabalha.

José: Não, eu trabalho

Thayná: E de dependente, seus filhos não são menores, né?

José: Não, já são casados.

Thayná: E o senhor possui casa própria?

José: Sim.

Thayná: E o senhor reside com alguém?

José: Minha esposa e duas filhas ainda mora comigo. Eu não deixei eles pagar aluguel.

Thayná: O senhor possui alguma experiência escolar? Se sim, anteriormente até que idade o senhor estudou?

José: Quando eu era pequeno mesmo, eu quase não estudei, eu vim estudar depois aqui em Brasília, pra desenvolver algumas coisas né, saber pegar um ônibus

Thayná: Então o senhor veio pra cá com 19 e começou a estudar só depois disso.

José: sim, e ai agora depois de casado, depois de certa idade.

Thayná: Quais os motivos para escolher estudar na escola classe 03 do Paranoá?

José: É que eu estudava aqui antigamente e ai mudaram pra lá né, ai a gente foi estudar lá.

Thayná: Era aqui na 26, ai fechou e você foi lá pra escola 03.

José: É, inclusive eu to na quarta série, mas não passei. Eu fui no nordeste e passei um mês lá e já tava pertinho das férias, ai foi o tempo que ele mudaram lá pra baixo e eu não fui mais.

Thayná: E o senhor se lembra quanto tempo estudou na escola classe 03?

José: Acho que foi mais ou menos uns 3 semestres.

Thayná: E como foi a sua experiência na escola classe 03 do Paranoá?

José: Foi muito boa, é que a gente aprende mais um pouco. As continhas de mais, de menos, de vez. Ler, eu sei ler um pouco, fazer um pouco de conta, isso aí eu sei. Mas é aquele negócio, cada dia a gente tem que desenvolver mais um pouco.

Thayná: Como foi a sua experiência na Escola Classe 03 do Paranoá com o projeto realizado pelo GENPEX dentro de sala de aula e na sala de informática?

José: Era muito bom mexer e aprender no computador.

Thayná: Como o senhor se sentiu com o fechamento da escola?

José: Eu não gostei não, ir lá pra baixo, muito longe.

Thayná: Muito longe né,

José: Tendo vaga, tendo possibilidade de estudar ali mais perto de casa, porque espaço tinha, tem tanto aqui que nem lá, com certeza isso aí eu sei. Mas não sei por que motivo colocaram pra lá.

Thayná: É complicado né

José: Mas se abrir ali, eu acho bom

Thayná: Você voltava pra lá?

José: Oxe, claro. Não é só eu não, tem várias pessoa que não foi lá pra baixo.

Thayná: É verdade. O senhor vem enfrentando alguma dificuldade após o fechamento da escola?

José: A dificuldade é assim, lá parece que a gente aprende mais um pouco, assim desenvolvido, porque a gente aprende a computação e tem mais de 19h às 22h, tem mais tempo, você escreve mais texto... É dessa maneira. Eu acho que é mais melhor um pouco.

Thayná: Quais são as suas expectativas em relação a continuidade dos estudos?

José: A minha relação é aprender mais e desenvolver mais algumas coisas né, a ler mais. Eu queria escrever, eu sei ler, mas escrever, eu escrevo muitas coisas, mas é errado. Eu queria só treinamento, ler direito e escrever corretamente, só isso que eu queria mais aprender.

Aqui também é bom, ela escreve muitas coisas, tudo que ela escreve no quadro eu leio tudinho e escrevo também... É assim mesmo...

Thayná: Caso a escola volte, você voltaria para a escola 3? O senhor já respondeu que sim.

José: Voltaria, com certeza.

Thayná: Se pudesse dizer com as suas palavras as razões para a escola voltar a funcionar, o que o senhor diria?

José: Eu acho importante, porque tem muita gente que ta fora e se ela voltar pra lá, essas pessoas que estão afastadas iriam voltar tudinho.

Thayná: Todos voltariam a estudar né

José: Uhum, as vezes encontro uns colegas meus e eles falam 'Cadê rapaz, a escola da 17 lá, acabou?' e eu respondo 'Acabou não rapaz, ta la embaixo no outro colégio, tiraram dali não sei por quê.' E eles dizem 'Eu não fui porque é longe e de noite, perigoso praquelas bandas.' Por isso que ninguém não foi.

Thayná: É só isso mesmo. Obrigada.

Entrevista 2 – Realizada em 24/06/2019, às 19h210 (duração de 9 minutos e 30 segundos).

1. Nome: Maria
2. Idade: 69
3. Sexo: Feminino
4. Profissão: Aposentada
5. Data de Nascimento: Não informado
6. Local de Nascimento: Ceará

Thayná: Qual foi o motivo da vinda da senhora para Brasília?

Maria: Minha fia, foi um problema que minha mãe faleceu, e a minha madrinha morava aqui, meus primos, e eu não me sentia bem, então o jeito foi vim embora pra cá. E aí eu vim e fiquei né, já tem muitos anos, a data eu não sei de quantos anos eu cheguei aqui, mas tem um bocado de anos, eu cheguei com uns vinte e poucos anos né, 22-23 parece... E ai formei a minha famia aqui, trabalhando doméstica né, trabalhei sempre de doméstica.

Thayná: Qual o estado civil da senhora? É casada?

Maria: Não, não fui casada não, solteira mesmo.

Thayná: A senhora tem filhos?

Maria: Tenho 4

Thayná: A senhora possui dependentes financeiros ou depende financeiramente de alguém? A senhora é aposentada né?

Maria: É, mas até ano passado, retrasado eu ainda dependia dos meus fi. Ainda dependo deles né, porque um salário mínimo num dá.

Thayná: A senhora possui casa própria?

Maria: É minha filha, essas casas aqui do Paranoá.

Thayná: A senhora reside com alguém?

Maria: Só com os meus filhos. Mora tudo os 4 comigo.

Thayná: A senhora possui experiência escolar? Se sim até que idade estudou? Antes daqui e lá da escola classe, a senhora tinha alguma experiência escolar?

Maria: Sabe qual foi a escola que eu estudei logo que cheguei aqui e aí eu abandonei porque eu achava muito cansado, trabalhava o dia todo, levantava cedo. Era na Mobral.

Thayná: E antes dela?

Maria: Antes dela eu fui pra lá mesmo, porque aí eu não tinha tempo e aí eu fiquei viúva e pensei 'preciso de alguma coisa pra ocupar a minha mente'

Thayná: Então antes da escola 03, a senhora estudo no Mobral?

Maria: Sim

Thayná: Quais os motivos para a senhora estudar na escola 03 do Paranoá?

Maria: Ah porque eu achei assim sabe, que ia ser muito bom pra mim, abrir a minha mente e eu achava assim que eu ia aprender rápido, mas tá demorando (risos). A minha professora diz assim 'Marta você não aprende porque é muito ansiosa, por isso que cê num tá aprendendo.' E eu falei 'Eu vou é sair que eu não aprendo nada'

Thayná: Não, não pode não. Então os motivos foi querer aprender alguma coisa nova.

Maria: Foi, aprender alguma coisa nova e eu tenho vontade de aprender mesmo sabe, fazer alguma coisa de útil, porque a pessoa que não sabe ler, é um cego mesmo, daqueles bem batidos. E aí agora eu descobri os sons da letra, mas tá difícil ainda sabe.

Thayná: A senhora vai aprender. Quanto tempo a senhora estudou na escola classe 03 do Paranoá, a senhora lembra quanto tempo mais ou menos?

Maria: Acho que quase 2 ano.

Thayná: Quase 2 anos?

Maria: Quase 2 ano ou foi pros 3 ano. É porque o ano passado que eu sai, pra ir pro Maranhão, saí no mês de maio e achava que ia voltar logo, mas passei foi seis mês lá, esperando. Aí quando eu voltei.

Thayná: Não deixaram a senhora voltar?

Maria: Não, a moça não deixou eu entrar.

Aí veio a notícia que lá não ia mais ter aula pá nois que as aulas ia ser lá embaixo. E eu ‘ O meu Deus, então eu vou perder, porque lá embaixo eu não vo não, não sou muito corajosa pra esse ponto não.’

Thayná: Lá é muito longe né e escuro.

Maria: É escuro e outra coisa, lá tem marginal demaaaaais minina, eu tenho uma amiga que mora lá de frente praquele colégio, no lado daqueles pé de manga, ela mora ali perto e ela disse ‘Maria, quando da 16h todo mundo já tá com as suas porta fechada’

Thayná: Complicado...

Maria: Pois é, ela diz que dá muito assalto.

Thayná: É, eu já estudei lá

Maria: Já? Então você sabe como é que é.

Thayná: Como foi a sua experiência na Escola Classe 03 do Paranoá?

Maria: Foi muito boa, eu gostei bastante.

Thayná: Sei. Como foi a sua experiência na Escola Classe 03 do Paranoá com o projeto GENPEX (Unb), dentro da sala de aula e na sala de informática? Como a senhora vê o nosso trabalho lá na escola?

Maria: Nossa eu adorei, eu adorava tudo lá e tinha uma vontade grande de saber, aprender. Pra mim aquela coisa era o presente maior do mundo, era toda empolgada pra aprender.

Thayná: E tinha computador

Maria: Sim, adorava mexer no computador, mas a alegria foi pouca né.

Thayná: Como a senhora se sentiu com o fechamento da escola?

Maria: Eu me senti triste. Que ali era uma turma danada, era muita gente. Na hora do lanche a fila drobrava de tanta gente.

Thayná: A senhora vem enfrentando alguma dificuldade após o fechamento da escola?

Maria: Alguma dificuldade? Eu acho que sim...

Thayná: Em qual sentido?

Maria: No sentido assim do estudo, atrapalhou um pouco, que eu podia tá mais sei lá, avançada, aí eu achei que caiu um pouco. Um pouco não, muito mesmo.

Thayná: Quais são as suas perspectivas em relação a sua continuidade nos estudos? A senhora pretende continuar os estudos?

Maria: Pretendo sim, enquanto eu tiver aqui, enquanto Deus não me chamar. Enquanto eu puder andar eu to indo, empurrando com a barriga (risos) mas vou.

Thayná: O importante é ir. Quase a escola volte a funcionar, a senhora voltaria para a escola 03 do Paranoá?

Maria: Sim, com certeza.

Thayná: Se pudesse dizer com as suas palavras as razões para a escola voltar a funcionar, o que a senhora diria em favor dessa abertura?

Maria: Que que eu diria... Que abrisse mesmo de verdade e que a gente continuasse, todo mundo, lá dentro aprendendo, das professora, as professoras era muito legal, davam a maior força. Se abrisse seria uma coisa muito boa né. Não sei se eu soube responder.

Thayná: Respondeu, a senhora quer falar mais alguma coisa sobre a escola? Pode ficar à vontade.

Maria: Acho que não minha fia, lá era muito bom, muito melhor do que aqui. Aqui é perto pra mim, porque eu moro na 20, mas eu adorava ir pra lá mermo.

Thayná: É isso, muito obrigada.

Entrevista 3 – Realizada em 02/07/2019, às 20:40 (duração de 13 minutos e 53 segundos).

1. Nome: Pedro
2. Idade: 57
3. Sexo: Masculino
4. Profissão: Pedreiro
5. Data de Nascimento: 20/01/1962
6. Local de Nascimento: Ceará

Thayná: Caso não seja brasiliense, qual foi o motivo de vinda para Brasília?

Pedro: O motivo de vinda para Brasília, foi principalmente em busca de uma solução melhor, trabalho né, o principal. E eu já tinha irmãos aqui, então eu vim parar aqui em busca de trabalhar e conseguir algum recurso. São umas coisas que chamam a atenção da gente.

Thayná: O senhor tem filhos?

Pedro: Tenho três.

Thayná: O senhor possui dependentes financeiros ou depende financeiramente de alguém?

Pedro: Não, por enquanto eu to de boa, financeiro é só eu e minha mulher que trabalha um dependendo do outro.

Thayná: O senhor possui casa própria?

Pedro: Possui

Thayná: O senhor reside com alguém?

Pedro: Só eu e minha esposa e uma filha que mora junto.

Thayná: Possui experiência escolar? Se sim, até que idade estudou antes da escola classe 03?

Pedro: Antes de estudar aqui, eu estudei lá no nordeste quando eu tinha uns 15 anos, uns 16 anos, acho que uns 14 ano... Eu estudei, a gente estudava lá, naquele negócio de cartilha ABC, ai da cartilha vai pro primeiro ano, e ai eu fiz, aprendi a escrever o nome, os trabalho que eu fiz, já ia passar pro primeiro livro, primeiro ano.

Mas aí foi o tempo que eu já tava com 17 ano e eu vim pra Brasília. Foi pouco o estudo lá, foi muito pouco, também não tinha muito tempo pra estudar, era só trabalhar né.

Thayná: Quais os motivos para escolher estudar na escola classe 03 do Paranoá?

Pedro: O motivo foi o aprendiz, que eu não consegui aprende quando eu era mais jovem e isso me fez falta hoje né. Eu fiquei 15 anos no comércio, eu entrei no comércio, parei da obra e entrei por conta própria e tive essa dificuldade por eu não saber ler e escrever, então ficou um pouco difícil pra gente manter nas cidades grandes. Principalmente nas cidade grande eu falo pras pessoa valorizar o estudo porque é o principal, uma pessoa na cidade grande sem saber, sofre. Dificuldade pra arrumar emprego, pra sair de uma cidade pra outra, pegar um ônibus na cidade satélite. Então hoje, até pra pegar um ônibus tem que saber ler e escrever.

Thayná: O senhor lembra mais ou menos quanto tempo estudou na escola classe 03 Paranoá?

Pedro: Eu cheguei aqui em 2013, tenho um caderno assinado de 2013.

Thayná: Então desde 2013 senhor estudou lá, até ano passado.

Pedro: É nessa aqui, eu comecei foi aqui. Essa aqui é classe 03?

Thayná: A escola classe 03 aqui.

Pedro: Essa aqui é a 01, né? E aquele lá da frente é a 02?

Thayná: E aquele lá é da 17 que é a escola classe.

Pedro: Eu comecei no 01, lá eu nunca estudei não.

Thayná: Mas na escola classe 03 do Paranoá que é a da 17?

Pedro: Lá eu estudei.

Thayná: Desde 2013?

Pedro: Não, 2013 foi aqui. Quando eu saí daqui que eu fui pra lá, no ano passado, ano retrasado, que começamos aqui em fevereiro e eu já fui pra lá e quando foi no meio do ano eu passei pra quinta série.

Thayná: Então foi em 2017?

Pedro: Sim, 2017 pra 2018.

Thayná: Como foi a sua experiência na escola classe 03 do Paranoá?

Pedro: Lá pra mim foi ótimo, eu tive mais conhecimento, desenvolvi mais um pouco, que eu cheguei lá entrando na quarta né, então eu desenvolvi lá um pouco. Tem uns professor lá, que pegava bem seguro no pé, não era daqueles que colocava duas letras e saia perguntando de mesa em mesa, eles colocam a palavra e já perguntava que palavra era aquela. E muito bom os professor, que eu passei por lá, tanto na área de matemática, principalmente hoje, eu não me preocupo muito com matemática. Pro meu nível, matemática já tá ótimo. O que eu quero desenvolver a maneira de escrever, mas eu to correndo, eu insisto. A minha mulher fala que eu não vou aprender mais nada não, com essa idade, não sei o que. Mas eu sinto ainda, pelas outras pessoas que eu vejo, pelo meus irmãos que conseguiu tirar habilitação com quase 60 anos, que eles tudo dirige, só eu, o único da família que menos aprendeu foi eu. Me dediquei a trabalhar. E isso é porque eu construí um prédio de 3 andar, toda vez que eu olho praquele prédio eu penso que ele saiu tudo dessas mãos, sem saber ler nem escrever.

Thayná: Como foi a sua experiência na escola classe 03 do Paranoá, com o projeto realizado pelo GENPEX da Unb, dentro da sala de aula e na informática?

Pedro: Ele é um trabalho muito importante, porque ele vem despertar as pessoas, que dependendo de cada aluno se tiver um dom, uma boa vontade mesmo, tudo faz parte de boa vontade né e interesse, e as pessoas muitas vezes não sabem nem ligar um computador, não sabe nem pra onde que vai um mouse daquele... E a gente vê as crianças, ele sabe tudo puxar um desenho aqui, eu tenho até um de 1 ano e sete meses, que aperta lá as teclas e sabe aumentar e puxar o desenho que ele quer. Imagina que eu lá de 50 e poucos anos, perco pra um neto de 1 ano e pouco (risos), é incrível mas é isso aí, o mundo de hoje.

Thayná: Como o senhor se sentiu com o fechamento da escola?

Pedro: Não só por mim, mas pelas outras pessoas também. Vem um desânimo. Não sei também, muitas vezes os professores se preocupava se tinha lanche e tudo e

aquilo incentivava os alunos, a hora do lanche, o pessoal tinha aqueles minutinhos pra bater papo e conversar e tudo isso faz parte do dia a dia das pessoas. E tinha mais gente, mais aluno e isso incentiva a gente a querer estudar, vendo o outro. Você chega na sala de aula e vê um aluno ou dois, você vai perdendo aquela vontade de estudar, é muita vontade mesmo pra poder vir.

Thayná: Mas isso aí de 1, 2 alunos, o senhor está falando daqui dessa escola de agora?

Pedro: É, dessa escola de hoje, porque se tivesse as salas mais cheias, isso chama mais atenção e um vai passando informação pro outro. Poxa, e um olha pro outro e pensa 'fulano ta estudando, então eu também vou estudar' um incentiva o outro, esses detalhes eu acho importante.

Thayná: O senhor vem enfrentando alguma dificuldade após o fechamento da escola?

Pedro: Para mim ela faz falta, porque a gente voltei a estudar aqui e continua, mas era pra eu tá lá embaixo, os professores lá puxam mais, tem umas tarefas mais pesadas e por causa dos meus horários também que eu trabalho até tarde e aqui é mais perto, então eu posso praticar mais um pouco, aprender mais um pouquinho aqui. E eu encontrei minha amiga, eu encontrei ela e ela me chamou pra vir pra cá. E lá também tem a distância né, ia precisar de vale transporte, teve pessoa que desistiu de lá por causa dos assaltos nas paradas de ônibus. Mas acho que se a gente sair tudo junto de lá, evita né. Então, aqui para minha facilita mais, é mais perto.

Thayná: Quais são as suas perspectivas em relação a continuidade nos estudos? O senhor quer continuar estudar daqui pra frente?

Pedro: Eu até brinco com as professoras 'olha, daqui até os oitenta anos eu vou tentando.' Eu vou estudar enquanto eu puder vir aqui no colégio, eu vou porque eu acho muito bonito a pessoa saber ler, pra não depender dos outros né. E nessas áreas de trabalho é fundamental o estudo né, vejo na minha área, eu aprendi a fazer conta na calculadora, aprendia a usar o celular. Quando chegava no orelhão eu não sabia nem colocar o cartão, precisava pedir ajuda para as outras pessoas, mas hoje se me der o endereço de qualquer lugar aqui em Brasília, anotado num papel, eu

não preciso perguntar para ninguém, se for o conjunto J, G ou H, qualquer letra ou se for no plano caçar um banco, uma loja. Eu já fiquei perdido pra cima e pra baixo procurando endereço porque eu não sabia e as pessoas me ensinavam o caminho errado, as vezes eu tava na porta, mas não olhava o número. Então, esse pouco que eu já estudei, já me ajuda mais, já to dando um passo. Eu conheço as letras todas uma, por uma. O que falta aqui mais um pouquinho é incentivar, praticar, treinar. Para que eu possa aprender a juntar sílabas e letras, pra poder ler e escrever, só isso que ta me faltando.

Thayná: Caso a escola volte a funcionar, o senhor voltaria para a escola classe 03 do Paranoá?

Pedro: Voltaria, se depender do meu voto.

Thayná: Se pudesse dizer com as suas palavras as razões para a escola voltar a funcionar, o que o senhor diria em favor dessa abertura?

Pedro: olha, se fosse um abaixo assinado para a volta da escola, eu era o primeiro a assinar. Porque até facilita mais, que fica mais perto, ninguém precisa descer lá embaixo. 'ah, mas tem o transporte' mas são os horários, as pessoas que trabalham pegam transporte e muitas vezes chegam atrasados, tinha uma colega minha que descia do ônibus, as vezes eu encontrava com ela ali, ela passava em casa só pra pegar o caderno e ia pra aula, as vezes nem água ela tomava. Porque ela só podia sair do serviço quando a patroa chegava porque ela cuidava de duas crianças. Não podia deixar as crianças só.

Thayná: Então é isso, o senhor tem mais alguma coisa a dizer, em favor da abertura da escola?

Pedro: Eu só torço que volte, vocês fazem um trabalho bem bacana, que seja aprovado e então se ela voltar, eu tenho certeza que vocês estão de parabéns. Deus abençoe no seu trabalho que dê tudo certo.

Que deus toque no coração de alguém lá, e aprove e a escola volte pra gente. Porque é muito importante, eu vejo as pessoas no nordeste, até na roça estudando, é muito importante.

Thayná: Muito obrigada.

Entrevista 4 – Realizada em 03/07/2019, às 21:47 (duração de 15 minutos e 19 segundos).

1. Nome: Adriana
2. Idade: 43
3. Sexo: Feminino
4. Profissão: Doméstica
5. Data de Nascimento: 02/09/1975
6. Local de Nascimento: Ilhéus - Bahia

Thayná: Qual foi o motivo da sua vinda para Brasília?

Adriana: Eu vim pra cá trabalhar, caçar uma vida melhor aqui. Porque lá na Bahia não tem emprego e quando acha a pessoa ganha muito pouco, então não dá pra você sobreviver lá. Então eu vim com o pessoal que me trouxe e eu vim com essa mulher, ela falou que eu ia trabalhar com ela, que ela tinha gostado de mim. Eu vim pra cá eu tinha 15 anos. Depois essa mulher morreu e eu fiquei trabalhando por aí e até hoje eu to aqui! Eu tenho 24 anos de Brasília.

Thayná: Qual é o seu estado civil? Você é casada, solteira?

Adriana: Solteira.

Thayná: Tem filhos?

Adriana: Tenho 2 filhos e 2 netos.

Thayná: Possui dependentes financeiros ou depende financeiramente de alguém?

Adriana: Não, dependo de mim mesma.

Thayná: Você possui casa própria?

Adriana: Não, aluguel.

Thayná: Você reside com alguém?

Adriana: Se eu divido com alguém?

Thayná: É, se você reside com alguém ou você mora sozinha?

Adriana: Moro sozinha.

Thayná: Você possui experiência escolar? Se sim, qual idade estudou?

Adriana: Eu estudei com 22 anos, porque eu cuidava dos meus filhos, arrumei filho cedo né, quando eu tive meu primeiro filho eu tinha 16 anos, aí eu não tava estudando né. E aí depois que eles cresceram foram ficando grandinhos que eu pensei em estudar. E aí depois eu desisti e era assim eu estudava aí desistia e não pegava um diploma, não pegava nada pra estudar e esquecia e depois tinha que começar tudo de novo.

Thayná: Quais são os motivos para você ter escolhido estudar na escola classe 03 do Paranoá?

Adriana: Quais os motivos? É porque eu quero aprender ler, quero aprender a escrever que eu não sei muito. Porque antigamente eu não sabia pegar um ônibus pra mim ir trabalhar e aí eu perguntava pras pessoas e as vezes as pessoas me ensinavam errado, tinha vez que as pessoas me davam respostas assim 'ta vendo não o que ta escrito lá? Não sabe ler não?' Então aquilo ali, eu me sentia ofendida sabe. Teve um dia que eu chorei, eu perguntei pra um motorista 'moço, esse ônibus aqui vai pro Lago Norte?' aí ele falou bem assim 'Senhora, você não ta lendo o que tá escrito lá? Você não sabe ler não?' e aí eu fiquei numa vergonha, o ônibus tava assim cheio de gente. Eu conversei sozinha com Deus 'é Deus eu vou voltar a estudar de novo e vou aprender e nunca mais vou depender de ninguém pra perguntar pra onde esse ônibus vai' e foi dito e certo foi na época que eu fui pra 17 e agora eu sei pegar os ônibus pra mim ir trabalhar, não preciso perguntar, eu sei os ônibus que vai, se for pra São Sebastião eu vejo lá e leio. Entendeu? Eu não pergunto mais pra ninguém pra onde aquele ônibus vai, porque é chato né.

Thayná: Mas com outras escolas aqui no Paranoá, porque você escolheu logo a escola classe 03 do Paranoá?

Adriana: A da 17?

Thayná: É, a da 17.

Adriana: Porque é mais próxima da minha casa e aí tinha minha vizinha também que estudava lá e eu ia com ela entendeu. Ela também me incentivou muito 'vamo Adriana pra escola, que lá você aprende, é muito bom pra cabeça'. Foi logo quando eu separei, eu fiquei muito deprimida, muito triste, então você indo pra escola, você distrai sua mente, você para de pensar bobagem. Você aprende e é uma coisa que

você fica distraída, distrai sua mente. Foi isso que aconteceu comigo e agora eu já sei ler um pouco.

Thayná: Você lembra quanto tempo você estudou na escola classe 03? Lá na 17.

Adriana: Eu estudei lá dois anos, eu estudei com a Samara a primeira vez e depois eu saí, até a professora Lud me deu aula lá também, na época da Samara ela me deu aula. Aí depois a professora Lud me botou lá pra baixo, lá pro 1, ela falou que eu já tava adiantada e não era mais pra eu ficar ali. Fiquei indo uns dias e depois eu desisti e aí depois eu voltei de novo para a 17, que foi agora dessa vez. Eu ainda encontrei a professora Lud e ela disse 'Mulher eu não te botei lá pra baixo, que que você ta fazendo aqui?' Me deu a maior bronca! Que não era mais pra eu voltar pra 17, que se ela tinha me colocando pra lá é porque eu já tinha tudo encaminhado.

Esse negócio de você tá estudando e aí você para e não pega um livro não pega nada pra ler, você acabe esquecendo né e foi o meu caso. Agora não, agora tudo agora eu fico olhando, se eu vejo alguma coisa escrita na palavra eu já tento ler, ver o que ta escrito. Antigamente eu não fazia isso, eu não tava nem aí, pra mim eu tinha que aprender na escola e pronto, agora não.

Thayná: Agora você consegue ficar praticando.

Adriana: É, agora vai aprendendo mais né. E vai que tem alguma coisa ali que te interessa.

Thayná: Como foi a sua experiência na escola classe 03 do Paranoá? Lá na 17

Adriana: Minha experiência?

Thayná: É, foi boa? Foi ruim?

Adriana: Minha experiência foi boa, eu aprendi lá, teve umas coisas que eu aprendi, eu não sabia escrever em computador. Comecei a mexer lá, eu tive aula de informática, eu gostava muito! Acho que era na terça né que vocês davam aula né.

Thayná: A gente dava aula lá de segunda a quarta, mas cada dia era uma turma.

Adriana: Era uma sala né, porque tinha muita gente. Eu acho que na nossa sala você dava na terça ou na quarta, eu sei que não era na segunda porque a gente

tinha aula de matemática. Eu ficava doida pra chegar no dia, pra poder mexer no computador, porque eu nunca mexi em computador.

Thayná: Foi a primeira vez?

Adriana: Foi a primeira vez, eu não sabia nem como é que era, nunca peguei naquele mouse. Então todas essas coisas, eu gostei muito, eu não me arrependi nenhum pingo de ter voltado a estudar. Me arrependi não, porque eu aprendi mais, tô ficando mais por dentro das coisas, tendeu? E você conversa melhor né, porque de primeira eu falava as coisas muita errada. E você aprendendo e estudando, vai aprendendo se tá falando certo ou errado vai ficando mais por dentro.

Thayná: Como foi a sua experiência na escola classe 03 do Paranoá com o projeto realizado pelo GENPEX dentro da sala de aula e na sala de informática?

Adriana: Como assim?

Thayná: Como é que foi o GENPEX lá na escola? Na sala de aula né, que a gente tinha um momento na sala de aula e na informática, você gostou?

Adriana: Gostei muito, era bom porque quando uns estavam na sala de informática, porque como era pouco computador né e tinha muita gente na sala, a gente tava aprendendo na sala de aula e se fosse pro computador a gente tava aprendendo lá também, então muito bom.

Thayná: Como você se sentiu com o fechamento da escola?

Adriana: Eu me senti muito triste, que eu não sabia, as minhas colegas que falou pra mim que lá tinha fechado e eu pensei 'poxa, fechou ... Logo agora que eu queria estudar' e eu fiquei pensando 'Meu Deus, onde é que eu vou arrumar uma escola?' Porque lá pra baixo eu não desço sozinha... O negócio não é na hora de ir, é na hora de vir e tem vezes que eu chego tarde do meu trabalho e eu pensei 'e agora? Eu não posso deixar de estudar, logo agora eu tava aprendendo, não posso desistir, vou caçar uma escola pra mim' Aí eu falei com o seu Altilo e ele falou 'tô' e eu falei 'mas você tá estudando a onde? Porque eu também quero estudar' e ele disse 'eu tô estudando na 30' e eu falei 'Ta bom, quando o senhor for eu vou com o senhor' e aí ele tomou banho pra lá pra casa dele e eu achei que ele já tinha vindo, então eu vim sozinha pra cá e falei com a professora que eu quero estudar e perguntei se tava

tendo vaga, ela perguntou qual série eu tava e eu disse que tava no terceiro e ela disse que tinha vaga.

E era tudo que eu queria, poder estudar. Ela perguntou 'você quer começar hoje ou amanhã?' e eu disse 'quero começar hoje', fui em casa pegar um caderno e até hoje eu to aqui e to gostando, não quero desistir. Eu quero continuar.

Thayná: Você vem enfrentando alguma dificuldade depois do fechamento da escola? Alguma dificuldade assim, de locomoção pra vir pra cá ou alguma dificuldade na escrita, na leitura?

Adriana: É, tem hora que eu tenho um pouquinho né, a matemática eu tenho, tem hora. Tenho um pouco de dificuldade na matemática, português nem tanto. Eu sou um pouco ruim na matemática.

Thayná: Quais são as suas perspectivas em relação a continuidade dos estudos? Você pretende continuar estudando?

Adriana: Pretendo! Eu só quero sair da escola no dia que eu aprender ler e escrever, é o meu sonho. Não quero fazer faculdade, não quero fazer nada. Quero conseguir ler uma revista toda, um jornal, é só isso que eu quero, aprender a ler mesmo.

Thayná: É uma realização que você quer.

Adriana: Toda vida o meu sonho foi esse, entendeu? Antigamente... Eu vim tirar meus documentos um tempo desses, depois que eu cheguei em Brasília, porque eu sempre falava, eu não quero tirar uma identidade, meu documento botando o dedão, eu só quero tirar minha identidade quando eu aprender a escrever meu nome tudinho! Quando eu puder assinar tudo sem faltar uma letra. Aí eu peguei, na época eu fui estudar com a Samara lá na 17 e aí eu comecei a escrever e fui tirar meus documentos tudinho. Não queria tirar como analfabeta, queria assinar meu nome. Melhor você aprender e fazer tudo direito.

Thayná: Caso a escola volte a funcionar, você voltaria para a escola classe 03 do Paranoá?

Adriana: Eu voltaria, porque eu gosto muito de lá. Lá foi o primeiro colégio que eu estudei e meu filho também estudou lá na 17. Esse tempo todinho que eu moro aqui, o primeiro colégio foi esse e meu filho também.

Porque ele passou um tempo lá na Bahia com a minha tia, porque você sabe que com filho aqui é muito difícil né. Então ele foi pra lá com 5 anos e eu trouxe ele de volta com 8 anos pra cá e matriculei ele nessa escola, foi a primeira escola que ele estudou. Nem lá na Bahia, ele não estudava.

Thayná: Sério?

Adriana: Você sabe como é esse pessoal de antigamente, não quer botar os menino pra estudar, quer colocar pra ficar escravo, é trabalhar em roça, essas coisa.

Eu falei vou trazer meu filho pra cá, eu não quero que ele seja que nem eu, que não sabe escrever, não sabe ler direito e meu filho sabe tudo! Tudo que eu não tive na vida eu dei pro meu filho, estudo. Fazia de tudo pra comprar as coisas pra ele, comprava material, tudo pra não faltar nada pra ele aprender, eu não queria que ele ficasse que nem eu, que não sei ler, não sei escrever direito.

Thayná: Se pudesse dizer com as suas palavras, o que você diria em favor dessa abertura?

Adriana: Que continuasse a ter aula pra nós a noite, pra outras pessoas também que precisa, que desistiu e seria muito bom pra nós. Era isso que eu tinha pra falar, porque teve muita gente que desistiu, eu conheço pessoas que não tão estudando mais, porque chega casado do trabalho e não tem como descer lá pra baixo, chega tarde... E ali era bom que era pertinho.

Thayná: Mas alguma coisa que você gostaria de dizer?

Adriana: Não, acho que era só isso mesmo.

Thayná: Então, terminamos aqui. Obrigada.